

O PRESIDENTE MORREU

FELIPE DE CAUX

Ilustração Felipe de Caux

O Presidente Morreu

Felipe de Caux

Copyright © 2022 por Felipe Becattini Pereira de Caux

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Preparo de originais: Gabrielle Antunes

Revisão: Gabriel Branco

Diagramação: Samanta Paleari

Capa: Fernanda Ferreira

Ilustração: Felipe de Caux

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

C375p

Caux, Felipe Becattini Pereira de

O presidente morreu / Felipe Becattini Pereira de Caux. – Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2022.

N p. 308; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-84796-05-8

1. Ficção. 2. Literatura brasileira. I. Caux, Felipe Becattini Pereira de. II. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático

I. Ficção : Literatura brasileira

Todos os direitos reservados, no Brasil, países da Europa e Estados Unidos, por

Editora Ases da Literatura

www.asesdaliteratura.pt

Ilustração Felipe de Caux

O Presidente Morreu

Felipe de Caux



Para a Gabi.
Saudade imensa
que de dentro de mim transborda,
Expondo-me com insistência indomada,
através de memórias furtivas
e recorrentes
que você faz muita falta

Parte 1



Prólogo

- O presidente morreu!
— Quê?
— O presidente está morto.
— Não entendo. Morreu?
— Sim, senhor. Morreu!
— Que presidente? O nosso presidente?
— Sim, senhor. O Presidente.
— Mas como?
— Sei não, senhor! Morreu, eu não sou doutor para saber dessas coisas.
— Mas você tem certeza?
— Sim, senhor. Tenho certeza.
— Mas você confirmou a morte?
— Ele não responde, não mexe, não respira e, além disso, está frio como gelo. - A voz no telefone era triste. — Morreu! Já vi suficiente presunto na minha vida pra reconhecer um.
Fez-se um silêncio ao telefone.

A luz da manhã ainda fraca invadia timidamente o quarto através da cortina, mostrando apenas a forma dos móveis; como se ela mesma não tivesse se decidido por acordar. Seus olhos, até poucos segundos fechados, ainda tentavam se acostumar com a luz, que apesar de fraca, era forte o suficiente para incomodar os seus sonolentos olhos. Alberto estava na cama, fora acordado pelo telefone e agora passava a mão pela cabeça, como se tentasse agilizar

O Presidente Morreu

seu cérebro, obrigando-o a sair da lentidão da sonolência e a surpresa do inesperado; sentia dificuldade em absorver a ideia, ainda não acreditando no que seus ouvidos tinham escutado; não gostava nem um pouco dessa sensação que o inesperado lhe causava. Talvez toda a confusa conversa que estava tendo por telefone não passasse de um sonho.

Ficara até tarde trabalhando na noite anterior, como costumava fazer nas noites de sábado, quando não era obrigado a atender a algum compromisso social. Isso o fazia se sentir bem, enquanto outros estavam desperdiçando a vida em atividades sem propósito, como televisão ou festas regadas a bebidas e drogas, ele se preparava para uma nova semana. Assim, suas noites de sábado começavam iguais: ia para seu escritório — lugar onde se sentia mais confortável —, servia um conhaque e escrevia os discursos que seriam lidos pelo Presidente e lia alguns documentos importantes que acumulavam em sua mesa por não ter tido tempo durante a semana, e com isso muitas vezes perdia a noção das horas. Nas manhãs de domingo, então, costumava tirar um par de horas a mais de sono.

Tinha de ser um sonho, repetia para si mesmo como um mantra. Não era, afinal, a primeira vez que sonhara com a morte do presidente, era até um sonho recorrente, mas nunca parecera tão real. Seus sonhos tinham algumas coisas em comum, normalmente eram mais jovens, como se fosse um espelho de dias passados, e o mais importante, o presidente sempre morria na sua frente, era assassinado, e Alberto conseguia ver a vida abandonando o corpo. Esse era diferente.

Lembrou-se que na noite anterior o presidente saíra para uma das suas famosas festinhas. Festas para as quais nunca fora convidado, contudo que ouvira relatos de pessoas confiáveis de que o que faziam as festas especiais era que drogas, álcool e garotas de programa nunca faltavam, e ultimamente parecia que ele estava

mais preocupado com as suas festas que com qualquer outra coisa. A voz ao telefone o puxou novamente para a realidade.

— Senhor?

— Sim, Jeremias, o que foi? – perguntou Alberto, impaciente.

— Que fazemos agora? – A desolação da voz podia se sentir pelo telefone.

Alberto pensou o mesmo: e *agora, o que fazer?* Não estava preparado para isso. Sempre gostava de estar preparado para todas as eventualidades, mas nunca tinha realmente pensado sobre o que faria se o presidente morresse. Por um momento se sentiu perdido e não gostava de se sentir assim.

— Alguém mais está sabendo disso?

— Não, senhor. Liguei primeiro para o senhor.

Alberto se sentiu velho, a posição de seu corpo para falar ao telefone começou a lhe causar dor. Ajeitou-se para aliviar as dores.

— Muito bom. Então não fale com mais ninguém sobre isso.

— E o que devo fazer?

— Nada. Absolutamente nada. Não faça nada até eu chegar aí. Não deixe ninguém mais sair da casa, não quero que a notícia se espalhe. Até eu pensar no que vamos fazer, ninguém mais pode saber sobre isso.

Desligou o telefone antes que pudesse receber qualquer resposta.



Alberto

ALBERTO olhava para o teto do quarto, a luz aumentava gradualmente e agora lhe permitia distinguir melhor as formas. Sua atenção se prendeu em uma pequena mosca presa numa teia de aranha que havia se formado acima da sua cama. O primeiro pensamento que lhe veio à cabeça foi que teria de despedir a empregada. Não conseguiria voltar a dormir, sentia-se muito acordado — se tivera o plano de dormir algumas horas a mais, ele fora arruinado pelo telefonema, e também pela mosca, pois aquela criatura ali presa lhe lembrou o presidente. Surgiu então em sua mente a imagem daquele homem que há anos, com sua ajuda, governava o país, e que agora estava morto. Parecia estranho que aquele homem, que já sobreviviera a tantos atentados, a tantos escândalos, agora estivesse morto.

Pensar em sua morte não lhe causava tristeza, não sentia amor por ele; verdade seja dita, ao final de tantos anos, já sequer o suportava. Porém ele era uma peça necessária. Insuportável, mas necessária, pois era a figura central do governo, e só graças à sua imagem, ao seu carisma, foi possível manter o poder por tanto tempo. O presidente sempre conseguia cativar todos ao redor, com sua fala eloquente e educada, fruto de uma família abastada da alta sociedade. Seu pai fora um importante desembargador em sua época, sempre procurando educar bem os filhos.

A mosca emitia um leve zumbido enquanto lutava para fugir da teia, mas apesar dos esforços, continuava capturada. Após algumas tentativas parava, como se para pegar fôlego, e após essa pausa retomava a batalha contra a fina, porém resistente, trama.

O Presidente Morreu

Depois de mais algumas tentativas, ela chamou a atenção da pequena aranha, provavelmente a tecelã daquela arquitetura. Isso também aumentou o interesse de Alberto, que acendeu o abajur. Com a nova luz, conseguiu ver melhor a teia que se prendia no canto de duas paredes. Como era perfeita a natureza. *Como um simples e ignorante animal fazia algo tão perfeito?*

Foi na universidade que Alberto conheceu o presidente. Com seu encanto, ele sempre atraía grandes grupos de amigos, fascinava até os professores, mas apesar de socialmente tão bem sucedido, nunca gostou muito de estudar, preferia aproveitar a vida ao máximo, não gostando, e possivelmente não acostumado a se esforçar para atingir seus objetivos. Com sua lábia e algumas ajudas, sempre conseguia aprovação nos cursos, e foi justamente por isso que se conheceram. Alberto, sempre dedicado a crescer na vida, descobriu que talvez o caminho mais fácil para cima fosse através da política, por isso focou seus estudos para essa área. Apesar de muito discreto, seu nome era elogiado repetidamente pelos professores, o que acabou chamando a atenção daquele que se tornaria o futuro presidente do país. Ou, olhando por outra perspectiva, Alberto, com sua reservada perspicácia, atraiu o carismático e afortunado jovem. Sendo assim, em pouco tempo fizeram uma bela amizade, regada a valências: Alberto fazia os trabalhos e, ainda que nem sempre se valendo de artifícios legítimos, preparava-o para as provas; e o presidente, que sempre soube retribuir bem os grandes favores, ajudava-o financeiramente. Além disso, garantia sua ascensão social, fazendo-o se tornar alguém mais interessante nos eventos importantes da cidade.

A aranha se aproximou lentamente, caminhando graciosamente pelo enredado de fios, com tanta naturalidade que nem parecia que caminhava por pequenos e aderentes trilhos — coisa que provavelmente só quem a teceu poderia fazer. Ela se aproximou da mosca, que, com um desespero final, balançou toda a teia e

tentou romper as amarras. Entretanto, ela era perfeita demais para que os esforços fossem bem sucedidos. Com isso, a aranha acabou garantindo sua próxima refeição. Alberto riu, observando como ela a enrolava num casulo branco — agora, só restava à mosca esperar pela sua hora.

Após alguns anos de amizade, Alberto começou a tecer ideias na cabeça do novo amigo; inicialmente pequenas e sutis, e que com o tempo foram crescendo — mas normalmente de um modo que fizesse o presidente acreditar que tinham saído da sua própria cabeça, ou que dividiam a mesma opinião sobre o tema. Influenciado por filósofos e cientistas políticos, convenceu-o de que o melhor para o país seria um golpe de estado, só assim conseguiriam tirar a máfia que há anos se estabelecera no governo. Alberto mostrava para ele que para piorar, as ideias comunistas, influenciadas pela União Soviética, começavam a tomar força e mobilizar gente pelo país e com certeza, em pouco tempo, haveria um golpe. Por isso precisavam se mobilizar e reunir apoio o mais rápido possível. Na verdade, para Alberto, o importante mesmo seria garantir que quem triunfaria seria ele próprio.

Com discursos, contatos certos e dinheiro, o golpe germinou. Recrutar os jovens, que se sentiam excluídos pelo governo e até pelos próprios pais, e angariar o apoio popular, que neste momento acreditaria em qualquer um que levasse um pouco de esperança para suas casas e suas barrigas, foi a parte mais fácil. Com os contatos e não pouco dinheiro, conseguiram o apoio de alguns generais e então o golpe, que brotou lentamente, cresceu e avançou a passos gigantes, e em pouco tempo puderam tomar grande parte do país. Chegaram a dividir a capital: uma parte ficou dominada pelo antigo governo, a outra pelos revolucionários. Entre várias tentativas de negociações e assassinatos, ficaram assim por um tempo, até que, numa noite escura de junho, quando a cidade jazia morta por um inverno frio, eles invadiram o palácio presidencial e mataram o

O Presidente Morreu

antigo presidente e sua família, e com o antigo presidente, morreu também o antigo governo.

No dia seguinte, foi declarado o início de uma nova era. Um governo contra comunistas, um governo que se dizia para o povo — mesmo que apoiado pelo exército. Algo meio ambíguo, claro, mas que nunca chegou a ser questionado.

Alberto observou um pouco mais o jogo da vida e da morte produzido pelos dois invasores, ficando surpreso com o prazer que lhe causou, servindo para lhe distrair um pouco — apesar disso, ainda teria de despedir a empregada, não podia perdoar o erro. A claridade já dominava o quarto e já passava da hora de se levantar. Teria de lidar com a morte do presidente, decidir o que fazer — chegara muito longe para agora colocar tudo a perder. Estava acostumado a sua vida, e mais, gostava dela! Não podia perder tudo o que conquistara simplesmente porque o presidente resolveu morrer, e talvez no pior momento possível, já que o grupo paramilitar, que se autoproclamava movimento revolucionário, que já incomodava há anos, começava a reunir mais seguidores, e também e talvez mais perigoso ainda, os membros do próprio partido começavam a desejar mais poder, criando divisões internas.

Alberto tinha de garantir que nada mudaria, ou que mudasse de acordo com que fosse melhor para ele, não podendo dar chances ao azar. Mas como faria isso?

Precisava de tempo, e a morte do presidente não lhe dava esse tempo. Ao menos que...

Ao menos que ele conseguisse manter o presidente “vivo” por mais alguns dias.

Jeremias

JEREMIAS desligou o telefone e caminhou pela silenciosa cabana sem rumo certo; os outros que ali ainda estavam dormiam. As janelas estavam fechadas e a pouca luminosidade que as atravessava ajudava a criar uma penumbra na sala. A cabana não era grande, tinha apenas dois quartos, uma cozinha e a sala principal. Normalmente era usada para festas ou para descanso do presidente; sendo sua a cabana, um quarto sempre lhe era reservado, o outro para uns poucos convidados de honra que não conseguiam ir para a casa, e a sala para as mulheres e os responsáveis pela segurança.

Teve cuidado para não pisar em nenhuma das pessoas que dormiam no chão, pois seus passos mostravam o típico cambaleio grogue de quem não dormira o suficiente para eliminar todo o álcool da noite anterior; e para piorar, apesar de ainda sentir os efeitos da bebida a ressaca já lhe incomodava, não esperando nem o efeito da bebida passar para aparecer; sua cabeça doía, sentia sua boca tão seca que parecia murcha e a língua colava nos cantos da boca. Os passos incertos e a tristeza o fizeram procurar um lugar mais isolado para ir e esperar por Alberto, e também assim evitando pisar em alguém que ali dormia.

Queria ficar sóbrio rápido, antes que Alberto chegasse, por isso resolveu ir à cozinha beber uma água gelada e procurar por um café dormido. Encontrou, mas o café estava mais amargo que ressentimento, porém lhe serviu, reforçando a amargura que sentia, para então melhorar um pouco sua embriaguez. Definitivamente não gostava muito do Alberto, contudo conhecia bem a hierarquia

O Presidente Morreu

em que trabalhava e sua importância, por isso ligou imediatamente para ele para contar do presidente.

A festa da noite anterior fora, como de costume, fantástica! Coisa típica do presidente, que nunca poupava nos gastos por diversão. Bebida nunca faltava, as drogas vinham dos melhores produtores que eram seus amigos e sócios: eram as mais puras, pois eram adquiridas antes de serem misturadas e colocadas à venda. Mas o que fazia a festa especial eram as mulheres: a melhor seleção de garotas de programa do país; com certeza algumas não tinham idade para o trabalho. Olhando ao redor, não podia acreditar que o presidente estivesse morto. *Pelo menos morreu fazendo o que mais gostava*, disse para si mesmo sem emitir qualquer palavra, tentando se agarrar a esse pensamento para assim aliviar um pouco a dor que a morte lhe causava.

Mais do que funcionário do presidente, considerava-o um amigo, e sabia que esse sentimento era recíproco, por isso não estava triste pela perda do chefe, mas do, talvez, seu melhor amigo. Claro que nunca dissera isso para ele; pois, afinal, ele era seu chefe e recebia para acompanhá-lo, mas passavam tanto tempo juntos, que praticamente não tinha mais ninguém. Conheceram-se há muito tempo, lutaram juntos na revolução. Jeremias tinha se juntado ao grupo bem no início. Vinha de uma família muito pobre e se uniu ao grupo revolucionário quando estavam recrutando apoio no interior. Não teve muito estudo, fez apenas o básico e ainda assim, com certa dificuldade. Sempre foi melhor com as mãos que com a cabeça, dado isso e pelo trabalho duro em fazendas, acabou fortalecendo o corpo.

Quando apareceu aquele grupo de jovens com uma ideia louca de revolução, intuiu que essa união lhe traria ganhos. Nunca teve ideais políticos e nem tinha conhecimento para isso. Na verdade, na época, nem sabia quem os governava; essas coisas não importavam onde morava, pois era um povo esquecido até por

Deus, e saber quem o governara nunca fizera diferença para eles. Ninguém nunca olhou-os, era um mundo muito distante, coisa da capital. Nos jovens viu uma oportunidade de mudar de rumo e sair daquela vida sofrida no campo e, talvez, ser alguém de quem seus pais pudessem se orgulhar. Tudo isso parecia muito distante agora.

Uniu-se ao grupo com vários outros jovens camponeses, nunca havia pegado em uma arma, no entanto mesmo assim ganhou uma, e com as instruções de apontar para o inimigo e apertar o gatilho, aprendeu a usá-la, mas apesar de aprender, nunca gostou de usá-la. O grupo foi dividido em diversos outros, e cada um teve seu líder, e ele ficou sob o comando do próprio presidente, que naquele tempo era chamado general e em pouco tempo fez amizade com ele. A amizade surgiu fácil, já que gostavam das mesmas coisas: mulheres, bebidas e festas. Muitas vezes um copo abre muito mais portas do que ser um bom guerrilheiro, coisa que nunca foi, pois nunca aprendeu a gostar muito de armas, mas de beber Jeremias gostava bastante. Era um homem grande e conseguia beber muito, aguentava passar várias noites de festas com seu comandante, em que o vigor e a animação eram difíceis de acompanhar. Poucos conseguiam.

Após o fim da guerra, o presidente o manteve próximo, fora encarregado da sua segurança pessoal, e o mais importante, responsável por ajudar na organização das festas, algo sempre regular, porém que com o passar dos anos ficara ainda mais frequente. Cada ano que passava, a cabeça do presidente se afastava mais das questões políticas e se voltava para a diversão. A festa da noite anterior estava na lista das melhores já vistas pelos seus participantes: normalmente velhos e importantes membros do partido, do exército e da igreja, o famoso trio do poder e da corrupção do estado.

Jeremias ficara encarregado, como era de costume no pós-festa, de cedo acordar o presidente e levá-lo para casa, foi o que fez nesta manhã e foi assim que encontrou o corpo. Nesta manhã

O Presidente Morreu

de domingo, bateu na porta do quarto, mas ninguém respondeu. Resolveu esperar mais uma hora, para deixá-lo dormir mais um pouco, sabia que a noite tinha sido bem animada. Após a hora, chamou mais uma vez e novamente não obteve resposta. Não era comum que ele não acordasse com o seu chamado e por isso resolveu entrar no quarto para acordá-lo. Sabia que o presidente preferia sair cedo, antes dos convidados que ainda restavam e as garotas acordassem, e ir para sua casa, dormir mais em sua própria cama, para depois se preparar para o programa que fazia nas tardes de domingo na televisão, a famosa “Tarde com o presidente” — um programa em que o presidente falava sobre problemas atuais do país e do mundo e mostrava para os que o assistiam como o mundo lá fora era ruim e perigoso.

Jeremias abriu a porta com cuidado e chamou mais uma vez o presidente, como continuava sem resposta, entrou. O quarto estava bem escuro, pois ainda era cedo e o sol não tinha a força suficiente para atravessar a espessa cortina fechada. Não conseguiu enxergar nada mais do que a própria escuridão, contudo sentiu o cheiro forte de charuto, uísque e sexo. Enquanto entrava, chamou mais uma vez, mas ainda não teve resposta. Esperou um pouco para que seus olhos se acostumassem e andou em direção para onde sabia ficar a cama. No caminho, chutou algumas garrafas e tropeçou, caindo sobre uma cadeira batendo com a testa. Sentou no chão por uns minutos para se recuperar da dor. Imaginou que se pudesse enxergar, veria o mundo a girar; possivelmente uma cena como as dos desenhos animados, com passarinhos e tudo mais. Passou a mão na testa para ver se estava sangrando, mas não sentiu nenhuma umidade no local.

Desistiu de perambular às escuras e decidiu acender a luz, não querendo quebrar a cabeça, pois apesar de ser bem cabeça dura, não estava disposto a testar sua resistência. Ainda no chão, chamou mais uma vez e mais uma vez, ninguém o respondeu. Falou alto que

iria acender a luz, não queria assustar o presidente com a claridade súbita, porém ao falar pareceu que falou para si mesmo, porque mais uma vez não obteve qualquer resposta. Sabia que o presidente estaria só, já que nunca dormia acompanhado. Após gozar sempre expulsava a garota a golpes do quarto, por isso muitas vezes precisavam pagar um extra para cuidados médicos.

Engatinhando, para evitar novos tropeços, retornou em direção à porta, procurou o interruptor e acendeu a luz. Ficou um tempo assentado no chão esperando que seus olhos se acostumassem com a nova claridade. Piscou-os algumas vezes, tentando ver melhor e minimizar o incômodo que a luz lhe causou. Após algum tempo, quando seus olhos começaram a definir o foco, enxergou a grande figura do presidente esticada na cama. Vestia uma cueca samba-canção branca com desenhos marrons que não conseguiu definir bem a distância, e uma camisa branca suja, que possivelmente estava limpa antes da festa começar. Festas assim causavam bastante sujeira.

Jeremias se levantou e endireitou o corpo, estalando as costas; já não era mais tão jovem para engatinhar pelo quarto. Olhando para o chão, traçou o caminho que faria até a cama, calculando a melhor e mais direta rota, pois seus passos estavam ainda bem incertos. O quarto não era muito grande, possuía uma cama dupla no canto mais próximo à janela, com uma mesinha de cabeceira em cada lado, uma escrivaninha, que o presidente fez questão de colocar ali para ter um lugar onde escrever suas memórias, mas que nunca havia começado. Tinha uma porta que levava para um pequeno banheiro, construído posteriormente ao resto da casa; contudo, a bagunça era o que mais chamava a sua atenção. Com roupas, garrafas e, agora também, a cadeira que havia derrubado.

Seguindo seu trajeto, passou perto da escrivaninha e pode ver sobre ela algumas fotos. Parou um momento para analisá-las. Sua atenção se fixou imediatamente numa foto tirada no momento

O Presidente Morreu

em que comemoravam a tomada do poder. Gostava da foto, era muito bonita, feita por algum desconhecido, e que acabou se tornando muito famosa no mundo todo. Foi tirada em um momento de glória de todos os que lutaram por isso, há muito tempo. Era uma foto em preto e branco, onde o general, ainda jovem, levantava o braço segurando um rifle, festejando alegremente. Estava sendo levantado no ar por outros membros do grupo.

Era tão velha que nela ele ainda tinha cabelos bem negros, muito diferente de hoje em que praticamente sobraram alguns poucos fios grisalhos. Por ser muito vaidoso, desde que começou a aparecer sua calvície, tentou todas as técnicas possíveis para escondê-la, além de tentar restaurar os fios, e quando o problema ficou mais forte, grave demais para esconder com qualquer pintura ou implante, decidiu por usar uma peruca, muito cara e bem feita, e desde então não aparecia em público sem ela. Usava também, sempre, uns grandes óculos escuros para cobrir, principalmente, o seu olho esquerdo, que desde os primeiros anos da guerra era de vidro, uma lembrança de uma das batalhas travadas.

O presidente, depois de mais velho, começou a se preocupar mais ainda com a aparência, todavia ao mesmo tempo era muito preguiçoso para fazer exercícios. Gostava de comer bem e beber bastante, tendo por isso procurado sempre medidas rápidas para resolver seus problemas, submetendo-se a várias cirurgias plásticas, realizadas na Europa, e fazendo uso de outros artifícios para parecer jovem. Usava uma cinta para esconder a enorme barriga, que a cada ano precisava de ajuste para não o asfixiar, usava também um filtro especial nas câmeras de gravação, importado e muito caro, e fazia questão de muita maquiagem. No final, aquele homem estirado na cama não se parecia nada ao presidente que todos estavam acostumados a ver na televisão.

Continuou sua trajetória até a cama, podia ver a grande barriga exposta abaixo da blusa e ao se aproximar conseguiu decifrar

que os desenhos na cueca eram pequenos cachorros. O presidente parecia dormir um sono tranquilo e profundo, não se mexia e nem roncava. Aproximou mais, desviando-se da cadeira tombada no meio do quarto, parando para levantá-la e colocá-la no seu devido lugar, aproveitando a pausa para chamá-lo mais uma vez; mas como já era esperado, pois parecia dormir profundamente, não recebeu resposta. Ele deveria estar realmente muito cansado.

Olhou para o relógio que ficava na mesinha de cabeceira, já era tarde, não podia perder mais tempo, tinha que despertar o presidente, tirá-lo da cama e levá-lo para casa. Aproximando-se da cama, tentou mais uma vez acordá-lo, mas ainda sem resposta. Colocou sua mão de modo carinhoso sobre ele, como uma mãe ao acordar o seu filho, mas antes de dizer alguma palavra, notou algo diferente. A pele estava fria sob a sua mão, e esse frio se espalhou, através da sua pele, por todo seu corpo e gelou a sua espinha. Sentiu neste momento o tato da morte.

Tirou rapidamente a mão, como se o contato na pele tivesse lhe causado um choque, entretanto como uma criança brincando com fios elétricos, encostou novamente no presidente, tentando assim se certificar do que já tinha certeza, mas que duvidava com todo o seu querer. Sentiu novamente o frio na sua mão, e o frio da morte estimulou todos seus nervos: desde sua mão, subiu pela estrada nervosa do seu braço, passou por sua espinha, chegou ao seu cérebro e a parte sensitiva do lóbulo parietal o identificou; o que ainda era dúvida, neste momento passou a certeza. Tentando mais uma vez chamá-lo, sua voz já não queria mais sair, emitindo então apenas um som seco. Respirou e engoliu, tentando molhar as palavras e também a sua boca, que de tão seca, parecia colada. Forçou a sua boca, rompendo as imaginárias presilhas e assim, conseguiu dizer:

— General, por favor, acorde – chamou-o, como se essas palavras pudessem trazê-lo de volta do mundo dos mortos, mas o teimoso morto, contrariando seu desejo, decidiu não acordar.

O Presidente Morreu

A imagem de anos de trabalho e amizade passou como um filme diante dos seus olhos, por isso precisou segurar o choro, mesmo assim sentiu algo molhar sua face. Repetiu inconscientemente para si algo que aprendera desde cedo com seu pai: homem não chora.

Tentou então pensar em outra coisa, mas não teve controle sobre seus pensamentos. Para não cair, sentou-se ao lado do corpo na cama, com cuidado para não encostar nele novamente, pois estava com medo de congelar. Reuniu forças e engoliu mais uma vez o choro, como um homem de verdade deve fazer.

Olhou em volta, sem saber o que fazer, pois se sentia perdido pela dor que a morte do amigo lhe causara, mas ainda assim, e quase de um modo automático, levantou-se e caminhou com seus passos, ainda incertos, mas decididos, em direção ao telefone, sentando-se na cadeira que ficava ao lado da mesa e que até poucos minutos estava no chão; sentia-se sem forças, precisava sentar. Tirou o fone do gancho e sem pensar muito, sem duvidar em nenhum momento para quem ligar, começou a discar os números que surgiram como mágica em sua mente. Discava lentamente, como se a lentidão pudesse prolongar a vida do amigo por mais algum tempo, ouviu o chamar do telefone, que lhe pareceu contar os segundos até oficializar a morte do amigo; tocou uma, duas e mais algumas vezes que já não se deu o trabalho de contar, esperando pacientemente e obediente até ouvir que fora atendido. Antes mesmo que a pessoa do outro lado da linha tivesse tempo de falar qualquer coisa, disse, então, oficializando o fato:

— O presidente morreu.

Alberto

ALBERTO fora finalmente vencido pelos pensamentos e resolveu lidar com o problema daquela manhã de domingo. A primeira coisa que fez foi ligar para o Santino, pedindo para encontrá-lo em sua casa. Alberto tinha um motorista, mas em alguns casos especiais preferia que o Santino o acompanhasse— nessas situações, ele era alguém que valia a pena ter por perto. Santino era seu homem de confiança, alguém que seguia suas ordens sem questionar e de quem sempre podia esperar um trabalho bem feito. Já há muito trabalhava para ele e por várias vezes deu razões para confiar.

Após o telefonema, seguiu com os preparativos para sair. Caminhou até o armário para escolher uma roupa adequada para a ocasião, tentando ser silencioso, pois sua mulher ainda dormia. O armário era grande e ali, possivelmente, havia mais roupas do que tempo para usá-las; gostava de ter opções, e além disso o ajudava a afastar alguns fantasmas da infância, que naquele tempo não teve mais do que um par de roupas esfarrapadas e somente uma, mais nova e melhor, que era guardada para a igreja aos domingos.

Sua família era pobre, morava bem afastada, perdida por sendas trilhadas dentro da própria entranha da terra, em uma região que na época nem nome verdadeiro tinha. Seu pai fora assassinado quando Alberto era ainda muito pequeno, e mal se lembrava dele. Assassínatos por ali eram normais, e na maioria das vezes, insolúveis. Sua mãe, nascida para submissão e uma vida de sofrimento religioso, casou-se novamente, acreditando que uma mulher não podia criar filhos sem um marido. O seu padrasto, um

O Presidente Morreu

beberrão, muito rígido e controlador, era também muito ciumento e, desde o dia em que se casou, proibiu em sua casa tudo que pudesse lembrá-lo do antigo marido da sua nova mulher — em razão disso também nunca realmente aceitou a Alberto, chegando na verdade a odiá-lo por ser filho de outro homem.

Educou Alberto à base do desprezo e dos golpes, que só melhoraram quando sua mãe, depois de algumas tentativas infrutíferas, deu à luz a um filho para seu marido. A partir desse momento, Alberto se tornou quase inexistente, sendo praticamente ignorado pelos membros da sua casa, até para a sua própria mãe, que justificava para si mesma que era para proteção do filho, mas que de verdade, preferia não magoar o marido.

No armário, Alberto escolheu dentre sua grande coleção de ternos, um traje escuro, conveniente para a ocasião, pois mostraria para aqueles que sabiam da morte do presidente, seu sentimento de luto. Vestiu a roupa e caminhou até o espelho para fazer o nó na gravata; não que precisasse da ajuda visual, mas hábitos são difíceis de se quebrar e estética é tudo. Parou um pouco para ver sua figura refletida no espelho.

Após o nascimento do irmão, Alberto viveu invisível por um tempo e aqueles foram talvez os melhores anos da sua castigada infância. Tudo mudou quando uma doença afligiu a cidade. Alberto chegou da escola com febre e resfriado, quadro bem comum, nada importante o suficiente para chamar a atenção para si, porém que após alguns dias foi acrescido de dores no corpo e lesões pustulosas. Contraíra a temível doença que estava a matar várias crianças em sua cidade.

Sua mãe o separou do irmão, para evitar que o contaminasse, mas já era tarde demais. Seu irmão, após alguns dias, começou a apresentar febre e daí seguiu os passos do irmão mais velho. Alberto, que sempre fora pequeno e magro, muito mais desnutrido que o caçula, conseguiu se recuperar, mas seu irmão, apesar dos

intensos cuidados de uma curandeira local, não.

Enquanto dava o nó na gravata, elaborava um plano. O pensamento de manter o presidente “vivo” por mais alguns dias não lhe saía da cabeça. Na verdade, parecia-lhe um plano genial e muito simples. O presidente estava morto e com certeza não tinha nada que pudesse fazer sobre isso, mas não precisava dele com vida para manter sua imagem viva. Ele já era praticamente a personalidade do presidente: já era quem decidia o que ele fazia, o que falava e onde aparecia, sendo já por isto o espírito que dava vida ao corpo. Sendo assim, só precisava manter sua imagem por mais alguns dias, até conseguir resolver o que seria melhor para o país e para si próprio. Alberto não aspirava ser o próximo presidente, não gostava de se expor e, além disso, após os anos, aprendeu que era muito mais fácil comandar sem mostrar a cara e sujar as mãos.

Então, a primeira coisa que deveria fazer era preservar o corpo. Mantê-lo íntegro, para que quando decidisse o caminho a seguir pudesse usá-lo. O velório será um ato importante no seu plano, pois o presidente será visto e adorado pelo povo, e neste momento o corpo necessita parecer fresco, recém-morto. A imagem e cerimônias sempre são importantes. Conhecia relatos sobre embalsamento e mumificação, técnicas que preservavam o corpo por bastante tempo sem precisar de congelador ou algo parecido. Lembrou-se, inclusive, que o corpo do Lenin estava conservado na União Soviética desde 1924, e se o dele estava há tanto tempo, alguns dias não seriam um problema.

Após cuidar do corpo, teria de manter a imagem, mas isso será o mais fácil. Alberto controlava toda a rede de comunicação do país e sempre poderia usar alguma gravação antiga do presidente, eram quase todas iguais e algumas jamais chegaram a ser usadas. O jornal também era outra opção, poderia escrever uma coluna diária no nome dele. Era importante fazer com que ele fosse lembrado e assim não chamar atenção pelo desaparecimento. Poderia criar,

O Presidente Morreu

também, alguma viagem ou compromisso, ou até mesmo, alguns dias de ausência por uma doença leve.

Era importante também saber em quem confiar, porque muitos adorariam usar a morte do presidente para proveito próprio. No país havia somente um partido político, e dele muitas pessoas lucrando. Havia sede por poder e muito jogo interno, com pessoas sempre querendo ganhar mais. Sabia que podia confiar em Jeremias, pois era fiel, além de muito idiota para tentar ganhar algo com isso e também gostava muito do presidente para fazer algo contra sua imagem. O que mais temia era que a morte beneficiasse os rebeldes, que a usariam para recrutar mais pessoas e ganhar força. Por isso precisava de tempo, pois tinha de fazer tudo com calma. Jogar o jogo com a tranquilidade necessária de um bom jogo de xadrez.

Após o falecimento do irmão, os abusos do seu padrasto voltaram a ser algo comum, até mais frequentes do que antes, visto que ele o culpava pela morte do filho. Sua mãe, em um ato de solidariedade, e principalmente por medo de que o padrasto o matasse, decidiu mandá-lo para longe. Conseguiu para ele, através da igreja, uma vaga num internato na capital. Para Alberto foi uma alegria, pois odiava aquela vida. Ainda cedo prometeu a si mesmo que jamais viveria outra vez daquela forma, seria alguém diferente daqueles que o criaram: não seria pobre e, mais importante, não seria ignorado e controlado nunca mais. Alguns dias depois, sem derramar nenhuma lágrima, viajou para a capital. Essa foi também a última vez que viu a sua mãe.

Quando terminou de se vestir, caminhou até a cozinha. Ansiava por um copo de leite, seu estômago ardia e o leite ajudava a aliviar a queimação. Procurou também algo que pudesse comer rapidamente, pois Santino já o esperava na entrada da casa. Achou um pão do dia anterior, arrancou um pedaço, recheou-o com queijo e saiu de casa para encontrá-lo, que já havia trocado seu carro com

o Jaguar Mark X preto do Alberto, o qual estava estacionado na entrada, com Santino sentado atrás do volante fumando um cigarro. Alberto entrou sem cerimônias pela porta traseira.

— Para aonde vamos, senhor?

— Vamos para a cabana. O presidente morreu – disse, sem qualquer emoção na voz.



Santino

SANTINO era um homem paciente e esperar por ordens nunca lhe incomodou, assim, ao chegar naquela manhã à casa de Alberto, pegou as chaves do carro, o dirigiu até a entrada da casa, deixando tudo pronto para partir quando fosse necessário. Quando terminou suas tarefas, sentou no carro, ligou o rádio e acendeu o cigarro, aguardando Alberto entrar no veículo para descobrir para onde iriam. Curiosidade não fazia parte da sua personalidade. Ao receber a indicação do lugar, ligou o carro e partiu sem emitir qualquer comentário sobre a morte do presidente.

No rádio, ouvia-se baixo uma música suave, uma música instrumental aleatória; gostava de ouvir quando estava acompanhado no carro, porque assim não precisava conversar. Não que Alberto fosse uma pessoa que gostasse de desperdiçar palavras em assuntos desnecessários como tempo ou esportes, gostava disso nele, e também por isto o preferia ao presidente, que não conseguia manter a boca fechada por mais de um minuto. Para ele, o mutismo era tanto uma arte como uma arma: conseguia saber muito sobre uma pessoa de acordo com seu comportamento frente a ele, e sabia que não falar deixava as pessoas nervosas e as fazia fragilizadas. Em sua opinião, as pessoas falavam demais, eram curiosas demais e mais importante ainda: não sabiam seguir ordens. Para ele era isso o que estava errado no mundo.

Ele não, seguia as ordens sem questionar. Sabia seu lugar na hierarquia e por isso era muito bom no que fazia. Tudo parecia muito simples. Alguns homens decidiam e outros resolviam, e

nisso ele era um especialista: considerava-se um resolutor. Claro que também existiam os que não eram nem um, nem outro, e estes, para ele, não importavam: ficavam pelo caminho.

Enquanto dirigia, olhou no retrovisor e observou a imagem refletida do Alberto, sentado como de costume, enquanto lia o jornal, quase alheio à sua presença, ainda em completo silêncio. Isso lhe agradava. Já trabalhava há muito tempo com Alberto e gostava dele, era um homem decidido, sabia o que queria, o que deveria ser feito e por quem. Lembrava-lhe seu sargento na época do exército, uma das pessoas que mais o influenciou em sua vida. Era um homem autoritário e rígido, mas muito justo.

Santino era ainda jovem quando se decidiu pelo exército. Sempre se considerou um homem de ação, não se sentindo bem ficando muito tempo fechado em uma sala, sentado em uma cadeira, assistindo a uma aula, visto que quando frequentou a escola, ainda pequeno, estudou na única escola da cidade, muito precária, com salas abafadas e mal iluminadas, que estavam sempre lotadas. Durante as aulas, naquele tempo, tinha a impressão que a sala se encolhia ainda mais e que por isso não conseguia respirar. Assim que após a escola procurou para si uma vida mais agitada, longe de salas de escritórios e muito tempo ao ar livre, assim que exército fora perfeito para ele.

O que mais o cativou na vida militar foi a organização exigida ali, pois ele era um homem de rotinas e costumava se apegar a elas. Todos os dias, quando possível, acordava no mesmo horário, deixando o despertador tocar três vezes antes de desligá-lo e só então se levantava pelo lado direito da cama, pisando primeiro com o pé direito, acreditando que isso lhe daria sorte; era um homem supersticioso e também de fé, ajoelhando-se sempre ao lado da cama pelas manhas para rezar.

Quando terminava sua reza, ia ao banheiro lavar o rosto, fazendo então suas necessidades e, na cozinha, preparava o café da

manhã: comia um ovo cru, mania que aprendeu no exército, e um pão recheado, sempre com duas fatias de queijo e uma de presunto. Para beber, pegava o leite e servia exatamente dois terços do copo e completava com café, misturando então uma colher de açúcar.

Ligava o rádio para ouvir o noticiário matinal e, sentado à mesa, mastigava trinta vezes cada pedaço do pão. Ao terminar, lavava primeiro o copo, depois os talheres e por último o prato, secando a pia, pois lhe incomodava a desordem. Quando estava tudo organizado, desligava o rádio e voltava ao banheiro, lavando novamente as mãos e escovando os dentes com movimentos automatizados; logo, secava a pia, para só então entrar no box para tomar seu banho diário, sempre começando pelos cabelos, depois ensaboava o rosto, os braços, o tronco e por último as pernas, pois assim garantia que tudo estivesse limpo e que uma parte não sujasse as outras.

Ao terminar, enxugava-se e garantia que o banheiro estivesse limpo antes de voltar ao quarto para trocar as roupas. Abria a gaveta de cuecas e de meias, tudo organizado ao estilo militar; colocava um terno — lhe parecia adequado usar um. Antes de sair, conferia mais uma vez se tudo estava organizado, indo então para o carro e lá, acendia o primeiro cigarro do dia. Dirigia, então, sem pressa para o escritório ou para casa de Alberto, onde fosse necessário naquele dia. Estava sempre adiantado.

No exército, destacou-se rápido, pois era sempre obediente, seguindo as ordens sem jamais questionar, entretanto o que mais chamou a atenção dos superiores, além da sua obediência e de sua habilidade com as armas, foi a sua falta de remorso, coisas que juntas o faziam letal. Não é que gostasse de matar, algumas vezes até gostava, quando a morte lhe era algo pessoal, porém gostava principalmente da sensação de controle sobre a vida de alguém, e o mais importante, e talvez o que lhe fazia tão bom nisso, foi que ele nunca se importou de fazê-lo, fazendo com a mesma facilidade

O Presidente Morreu

com que obedecia a qualquer outra ordem, nunca perdendo uma noite de sono com problemas de consciência.

O apreço dos chefes e sua personalidade antissocial causou o efeito oposto em seus colegas, que o desprezavam e também o temiam, causando que se unissem contra Santino. Inicialmente isso não o incomodou, gostando do isolamento, mas com os anos, as brincadeiras, que foram frequentemente ignoradas por ele, cresceram e se tornaram mais ousadas. Até que um dia, após uma brincadeira de mau gosto realizada por um colega, Santino o espancou até à beira da morte, sendo por isso, julgado e obrigado a se retirar do serviço militar. Depois da baixa, e com ajuda de membros do exército, começou a fazer trabalhos para pessoas importantes. Foi quando começou a trabalhar para Alberto; desde então, exclusivamente para ele.

Além de ser um bom chefe, pagava um bom salário, apesar de que Santino nunca foi muito ganancioso, não precisando de muito para viver. O que ganhava, gastava sempre do mesmo modo: dividia o que recebia em duas partes iguais, uma metade mandava para a sua já velha mãe, pois ela ainda era a pessoa mais importante em sua vida, e a outra dividia em três partes: uma delas guardava no banco, sabendo que sempre era bom ter uma economia para momentos mais difíceis; outra doava para a igreja, pois, mesmo não tendo ilusões de salvar sua condenada alma, a doação fazia-o sentir-se um bom católico, mesmo com seu trabalho e só frequentando a missa em feriados religiosos. O que sobrava era mais do que suficiente para manter-se.

Continuou a dirigir em silêncio por caminhos que foram se tornando menores e precários, até sair da zona urbana e pegar o caminho de terra que levava até a cabana do presidente. Passou no caminho por uma pequena vila, onde algumas crianças brincavam de bete-ombro. A rua era normalmente bem tranquila, e aqueles que ali moravam não estavam tão acostumados com carros. Santino teve

que quase parar por um momento, enquanto os meninos corriam ao seu redor gritando e dando pequenos tapas na carroceria do carro.

Seguiu devagar e com mau-humor, não gostava de crianças. Não tivera uma boa infância e fora obrigado a crescer muito rápido, nunca tivera realmente um pai. Nunca conhecera seu pai biológico, foi fruto de um caso extraconjugal, de um caminhoneiro com sua mãe: ela, apenas mais uma entre as muitas que ele conheceu pelas estradas. No momento em que ele soube da gravidez, perdeu-se pelas artérias das rodovias que irrigavam o país. Sua mãe, na época apenas uma adolescente, tivera sozinha o filho, sem a ajuda dos pais, que quando souberam da gravidez expulsaram-na de casa. Viveu a partir daquele momento de casa em casa, contando com a ajuda de conhecidos da igreja, até que se casou com um homem mais velho, dono de uma mercearia na cidade; um homem localmente conhecido e melhor de vida que a maioria. Era um recém-viúvo, que procurava uma nova esposa para dividir sua cama e, assim, sua mãe se casou mais pela necessidade do que por amor.

Seu padrasto era um homem grande e mau, que semanalmente descarregava todas suas aflições com golpes certos na mulher, que sofria a sua penitência rezando a Deus que aquela sessão de padecimento terminasse o mais rápido possível. Santino desde pequeno apanhou regularmente, até que, com o tempo, aprendeu a sofrer calado, não emitindo qualquer som ou sinal de tormento, e posteriormente, quando já era um pouco mais velho, aprendeu até a sorrir durante suas sessões de educação forçada: isto acabou por desestimular seu agressor, já que não sentia o mesmo prazer em lhe bater, tornando então os castigos ocasionais. Viveu assim sua infância até o assassinato do padrasto, quando finalmente os castigos pararam.

Quando finalmente conseguiu se livrar das irritantes crianças da vila, seguiu pela estrada, que pelas intensas chuvas do mês anterior estava muito ruim, precisando dirigir com cuidado,

O Presidente Morreu

evitando os buracos para assim não estragar o carro, mas principalmente para não incomodar o chefe, que continuava a ler o jornal no banco de trás. Após um tempo, avistou o portão de entrada, que estava aberto, e conduziu o carro até o estacionamento ampliado para acomodar as visitas. Esta era a parte mais nova da rústica cabana, que, para Santino, parecia por fora tão deprimente quanto por dentro. Estacionou ali, ainda com desprezo pelo local, e por costume, mais que por necessidade, avisou ao homem que haviam chegado.

Alberto saiu pela porta de trás e procurou esticar o terno.

— Odeio este lugar – afirmou Alberto para si mesmo e abai-xou-se para falar através da porta.

— Santino, venha. Vou precisar dos seus serviços lá dentro.

Santino saiu do carro em silêncio e ajustou as armas que carregava ao lado do corpo, pois sabia o que precisaria fazer.

Alberto

ALBERTO ao abrir a porta da cabana sentiu imediatamente o cheiro da festa do dia anterior. Era um cheiro de charuto misturado com suor, álcool e perfume que juntos lhe despertaram um sentimento de imoralidade e por um segundo sentiu náusea. A sala estava escura para seus olhos vindos da claridade externa e por isso precisou de um tempo para que se acostumasse com a penumbra de onde se encontrava, mas principalmente precisava de um tempo para se assegurar de manter no estômago inquieto o que mais cedo havia comido.

Quando finalmente seus olhos aceitaram a nova realidade, pode distinguir três seguranças que trabalhavam sob o comando direto de Jeremias, responsáveis pela segurança da festa. Estavam distribuídos nos assentos da sala e, entre eles, Alberto reconheceu outros cinco homens, esses eram pessoas importantes e detentores de altos cargos no país, três membros do partido, um da igreja e um juiz. Em sua maioria eram casados, pais e alguns até avós, membros das famílias mais tradicionais do país, que pregavam os bons costumes da sociedade, porém que, diferentemente do que pregavam, eram frequentadores assíduos das orgias organizadas pelo presidente. Na sala percebeu, também, a tensão que pairava: os convidados remanescentes, agora sóbrios e ressaqueados, sentiam a vergonha trazida pelos raios solares. Estavam ansiosos para partir para a segurança de suas casas e para o seio da família, no entanto por razões ainda não informadas, não lhes tinha sido permitido.

Assim que Alberto adentrou pela casa, Matias, um homem

O Presidente Morreu

baixo, rechonchudo e cujos cabelos eram tão escassos quanto a sua paciência, aproximou-se dele. Era o Ministro das Finanças.

— Quero saber o motivo de não podermos sair – afirmou Matias com sua voz rouca, num tom um pouco mais elevado que o normal.

A pergunta fez com que a repulsa que Alberto já sentia pelos membros ali presentes aumentasse. Para certificar-se de que seus pensamentos não se mostrassem em sua face, esperou alguns segundos antes de responder, olhando calmamente no rosto de lua cheia avermelhada do Matias.

— Meu caro Matias, não precisa ficar nervoso por uma bobeira como esta. Tudo não passou de um mal-entendido – sua voz era calma, contudo enfática, e esperando mais um momento, como se para ver se o rosto do Matias conseguia ficar ainda mais vermelho, continuou. – Fui informado hoje bem cedo, na verdade fui acordado por essa notícia, de que alguns homens suspeitos de integrar o grupo paramilitar estavam rondando estas áreas.

Fez mais uma pequena pausa, aproveitando para olhar em volta, para se certificar de que todos os convidados ali presentes o escutavam claramente.

— Eu, como sempre, fazendo questão de preservar o bem-estar dos meus amigos e colegas, que sabia estarem na casa e, antes disso, de preservar da mídia essa informação, liguei e pedi para o Jeremias mantê-los aqui, por ter a certeza de que seria o local onde estariam mais seguros.

Fez mais uma pausa, para ampliar o efeito das palavras.

— Desculpem-me se o motivo não lhes foi informado, mas pedi para Jeremias não lhes dizer nada, pois não queria causar o pânico entre os nobres cidadãos. – E fazendo mais uma pausa, para que não lhes restasse dúvida — O que fiz e o que sempre faço é para o bem de vocês.

Após o pequeno discurso de Alberto, o rosto lunar de Matias

passou de um vermelho colérico para um vermelho envergonhado. Abriu e fechou a boca algumas vezes, sem saber o que dizer, mas mesmo assim resolveu falar algo — ele sentia sempre a necessidade de dizer algo.

— Ah, me desculpe – gaguejava. – Me desculpe, não queria lhe faltar com o respeito. Nós nos conhecemos há muitos anos, e mais, posso até dizer que somos amigos. – Parou para tomar um ar, porque o esforço lhe parecia terrível. — Você tem que entender que ficamos aqui trancados, sem receber nenhuma informação, e isso é muito ruim. Você sabe que a cabeça fica imaginando coisas. Criando. Algumas vezes é como se a cabeça tivesse pensamento próprio. – Parou para rir um pouco, mesmo que ainda sem graça, esperando apoio o da plateia que escutava quieta e atentamente. Quando sua piada não recebeu o apoio desejado, continuou. – E temos família, você sabe, e todos devem estar preocupados conosco. Mas me alegro de que você, como sempre, estivesse pensando em nossa segurança.

Alberto olhou para ele, tentando esconder o seu desdém, forçando o sorriso mais amistoso que a situação lhe permitiu.

— Claro, Matias, somos amigos de longa data. Agora vocês podem voltar às suas casas, meu pessoal já cuidou da segurança do lugar e está tudo bem. – Mantinha ainda o sorriso, que quem não o conhecesse, acharia até amistoso, porém aqueles que já o conheciam há anos sabiam que Alberto não era uma pessoa muito amigável. – Então, por favor, se retirem. – E sem olhar para os convidados, pois não aguentava mais de desprezo, tirou qualquer esboço de sorriso de seu rosto para mostrar que falava sério. – Eu tenho um assunto importante para discutir com o presidente.

Os convidados saíram apressados, sabiam que para quem tinha muito a explicar em casa, cada minuto era importante. Mas, por mais que temessem o que encontrariam em casa, temiam mais-que-tudo o Alberto — todos sabiam que ele não gostava de repetir uma ordem.

O Presidente Morreu

Enquanto eles saíam, Alberto se aproximou de Santino e lhe disse em voz baixa:

— Espere que todos os convidados se retirem. Vou resolver o problema com o Jeremias. Quero que fique aqui até nos retirarmos e, quando sairmos, cuide das garotas. Não quero correr o risco de alguma informação vazar.

Santino nada disse, apenas concordou com um leve movimento da cabeça.

Alberto se dirigiu para o quarto do presidente e, ao entrar, parou um momento para olhar a desordem que o quarto se encontrava. Após reprovar silenciosamente o comportamento, finalmente viu Jeremias sentado na cama, cabisbaixo. Este, quando notou que Alberto o mirava, tampou os olhos vermelhos, secando-os, pois homens não choram.

Alberto aproximou-se da cama, com cuidado para não pisar em nada que poderia estar jogado por ali. Somente quando se aproximou, tomou um tempo para analisar o corpo deitado na cama. Era um cadáver grande, gordo e branco, que mais se parecia com uma baleia albina encalhada na areia da praia. Conhecendo o laço dos dois, e sabendo que precisaria do Jeremias ao seu lado, disse fazendo soar o mais amigável possível:

— Sinto muito pela morte, Jeremias. Perdemos alguém muito importante hoje. – Controlou o tom para parecer o mais sincero possível. – Mas agora precisamos lidar com isso. Alguém entrou no recinto?

— Não, senhor, fiz tudo como me orientou. Ninguém está sabendo de nada. – A voz de Jeremias era ainda meio trêmula.

— Bom saber. Os seus homens são de confiança?

— Sim, senhor. Todos são de completa confiança, coloco minha mão no fogo por eles.

— Te falo isso porque ninguém pode saber da morte do presidente. Pelo menos ainda não. O país enfrenta uma crise e, até

termos tudo seguro, não podemos deixar que esta informação se espalhe.

Jeremias apenas fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Vamos fazer o seguinte – continuou Alberto: – já mandei os convidados para casa, e Santino vai cuidar das prostitutas. Escolha entre os seus homens, aquele que lhe é de mais confiança para que te ajude a carregar o corpo até o porta-malas do seu carro. – Fez uma pausa como se pensasse nos detalhes. – Depois quero que selecione homens para ficar de olho nos convidados, para termos a certeza de que ninguém sabe de nada.

— Sim, senhor – concordou Jeremias, desanimado, mas obediente. Ainda sem muita determinação pela tristeza e pelo cansaço, levantou-se e foi cumprir as ordens que lhe foram dadas, deixando assim Alberto sozinho no quarto com aquele que um dia fora o animado e cheio de vida presidente.

Ele observou o corpo por um momento com um olhar de coruja. A luz da manhã, que a cada momento ganhava mais força, entrava pela janela semibloqueada pela cortina fina e, assim, tingia no corpo a cor pálida típica da morte. O espectro da luz causava no defunto um aspecto pouco humano; agora, uma figura estática, branca e com horríveis manchas no dorso, fazia-lhe lembrar-se mais de uma coisa que de uma pessoa propriamente dita.

Sentou-se ao lado da figura e por um curto tempo sentiu tristeza, mas a tristeza que sentiu não tinha nada a ver com o homem que um dia animou aquele lívido objeto que jazia ao seu lado, e que trilhou o longo caminho com ele, desde o começo de sua vida adulta. Ao contrário, sentiu a tristeza por si mesmo — naquele momento se sentia velho, e isto fez com que o impetuoso peso dos anos lhe caísse bruscamente sobre os ombros, e como se a gravidade o puxasse mais forte que o habitual para baixo, fez com que sentisse todos os ossos e articulações do seu corpo. Olhou a sua imagem refletida no espelho e não se reconheceu. Não conhecia

O Presidente Morreu

mais aquela pessoa magra, grisalha e cheia de rugas espelhada para ele, pois aquele velho que o encarava não combinava com a imagem que tinha de si. Não se lembrava de ver essa imagem todos os dias no seu espelho.

Com o cadáver do presidente ao seu lado, sentiu pela primeira vez a morte se aproximar.

Pela primeira vez se sentiu mortal.

Santino

SANTINO esperou pacientemente sentado enquanto toda a confusão se resolvia. Tragava lentamente seu cigarro e observava o movimento da sala. Perto dele estavam sentadas as garotas sonolentas, que ainda tentavam entender o que estava acontecendo. De sua poltrona viu quando os convidados se retiraram às pressas, enquanto Alberto ia até o quarto do presidente. Observou também que, alguns minutos após a entrada de Alberto pela porta, Jeremias saiu do quarto cabisbaixo e deu ordens a seus homens, que, obedientes, saíram quase imediatamente; todos, menos um, que o acompanhou novamente até o quarto onde ficaram por um tempo.

Santino acendeu outro cigarro enquanto as garotas, que mais cedo tentaram sair com os convidados, sendo então impedidas pelos seguranças, olhavam assustadas para ele. Ele simplesmente as ignorava, deixando-as mais confusas e com tanto medo que nem se mexiam. Acendeu outro ao ver Jeremias sair do quarto carregando com seu capanga um grande objeto, o qual deduziu ser o corpo enrolado em roupas de cama. Enquanto tragava seu cigarro, pensou que a cena poderia ser até cômica, se não fosse patética. Pouco tempo depois, viu sair do quarto Alberto, que olhou para as garotas. Isso desencadeou um movimento por parte de uma delas, que tentou emitir algumas palavras, mas como foi prontamente ignorada, preferiu ficar quieta, achou mais seguro.

Alberto aproximou-se de Santino e passou em voz baixa as últimas informações antes de sair, deixando-o a sós com as garotas, fazendo com que ele voltasse toda a sua atenção para elas. Podia ver

O Presidente Morreu

o nervosismo nos rostos, o que lhe deu um certo prazer e, para aumentar seu deleite, começou a encarar a que parecia mais assustada.

A assustada garota lhe lembrou do primeiro trabalho que fizera para Alberto, que também fora com uma jovem garota de programa. Ainda não se conheciam e Alberto precisava de alguém para realizar um serviço. Uma profissional do sexo estava extorquindo o presidente, dizendo-se grávida, e o então futuro chefe procurou com um amigo do Departamento de Justiça, alguém de confiança para realizar o trabalho: o nome do Santino apareceu quase imediatamente. Santino recebeu a tarefa e realizou tudo com uma perfeição quase artística. Nunca mais se ouviu falar da garota e nem do suposto filho, assim ganhou a confiança de Alberto, após mais alguns trabalhos virou o seu braço direito, realizando todo o trabalho em que fosse necessário: de motorista a assassino particular. Tanto Santino quanto Alberto gostavam de um trabalho bem feito e sem erros.

A recente atenção que lhes fora dada fez com que as ansiosas garotas acordassem do transe em que estavam, e isso as deixou inquietas. A mais nova e mais assustada, que agora era encarada por Santino, não aguentou mais e começou a chorar. A mais velha, que, contudo, não parecia ter mais de vinte anos, criou coragem suficiente a partir das lágrimas da colega.

— O que vai acontecer com a gente? - perguntou a garota, levando Santino a encará-la em silêncio por um tempo. Com um pouco de intolerância, mas ainda determinado a brincar um pouco mais com elas, respondeu:

— Não se preocupe. Nada irá acontecer. - Olhava fixamente para os olhos da garota, que não conseguiu sustentar o olhar. Seus olhos não pareciam concordar com suas palavras.

— Nós não iremos dizer nada sobre a festa. Juro. - Pequenas lágrimas escorriam pelos olhos claros da garota.

— Eu sei. Disso eu tenho certeza - concordou Santino com

um sorriso que, de tão frio, conseguiu congelar a garota, não conseguindo emitir mais palavras. Estimulada pelo terror da última frase, a mais jovem, e que ainda chorava desesperadamente, saiu correndo em direção à porta principal da casa. Santino não se moveu, sabia que mesmo confiando nele, Alberto não teria deixado a sorte ao acaso, teria apontado alguém para assegurar a porta. Se não houvesse ninguém lá, contudo, seria divertido caçar a garota, depois de se livrar das outras. Estavam a quilômetros de outra casa.

Não demorou muito para que o capanga que ajudou Jeremias a carregar o pacote a carregasse novamente para dentro, e por um instante, Santino ficou triste por perder a caçada e até pensou em deixá-la escapar, mas isso poderia demorar tempo demais. Mais tarde teria de encontrar Alberto, não podia se atrasar.

— Me solta, seu, seu, seu... - A garota fugitiva não conseguia inventar um xingamento adequado para a situação enquanto batia os finos braços no peito do segurança, que não parecia se importar. – Por favor, me deixe. Minha mãe deve estar preocupada. Eu só queria ganhar um dinheiro, não sou como ela, não sou uma puta.

Ao assistir à cena, Santino de repente se cansou de brincar. Começara a se sentir como uma babá, sentindo-se entediado, então resolveu agir. Enfiou a mão dentro do blazer e tocou o seu revólver. *Seis balas, seis prostitutas*. Este pensamento lhe provocou um pequeno sorriso.

Ninguém na sala entendeu o que acontecia até que fosse tarde demais, pois pareceu que a garota caiu antes mesmo de se ouvir o barulho do tiro. O segurança, por um reflexo, ainda tentou agarrar a jovem garota que caiu à sua frente, sem perceber que estava completamente tingido pelo sangue dela. As outras garotas olharam para a cena sem entender, ainda cheias de surpresa e sem reação, foi fácil para Santino acertar mais duas garotas que continuaram assentadas no sofá, pareciam paralisadas pelo medo e não pela morte, enquanto lhes jorrava um filete de sangue pelo buraco

O Presidente Morreu

na testa e com a parte de trás de suas cabeças aberta e vazia. A próxima chegou apenas a levantar-se do sofá, para cair novamente em uma posição tortuosa, como uma árvore de cerrado, entre o assento e o chão.

A quinta, desesperada pelo barulho, sem realmente entender o que acontecia, tentou fugir em direção à única porta que conhecia, mas ela estava na direção na qual Santino se encontrava. Chegou a passar por ele e por um instante achou que tinha escapado, porém recebeu por trás uma rasteira e, quando seu corpo atingiu o chão, já lhe esperavam sangue e os restos de sua massa encefálica. A mais velha, a última garota ainda viva, resolveu correr e se arriscar no desconhecido. Seguiu em direção ao interior da casa, contudo foi impedida por uma dor súbita que a fez cair no chão, ainda viva. Sem conseguir lutar contra a dor, gemia e chorava inconsolavelmente. Santino caminhou devagar, triste por fracassar no seu jogo de seis vítimas e seis balas, ouvindo o gemido da ainda viva garota.

Escutando os passos em sua direção, virou-se o máximo que conseguiu para encarar o seu atirador e ainda tentar suplicar-lhe por sua vida, mas fora impedida pela dor que vinha das suas costas. Da sua boca saía um sangue claro e espumoso, causado pelo ferimento que acertara seu pulmão. Percebendo a aproximação de Santino, ainda rogou-lhe:

— Por favor, eu tenho um filho. Não me mate. Por favor.
– Sua voz era baixa pela falta de ar nos seus pulmões e pela dificuldade de sua boca cheia de sangue em articular as palavras.

Santino, bravo com ela por estragar seu jogo, pisou em suas costas, com cuidado para não pisar em sangue, fazendo-a voltar a encarar o chão. Com o mesmo pé pisou no seu pescoço com força até ouvir um barulho, deixando o pescoço com uma posição impossível em condições normais.

A morte era algo normal para Santino. Ainda era muito

jovem quando matou pela primeira vez, a única vez em que realmente fez por seu próprio desejo e prazer. Foi para proteger a sua mãe que matara seu padrasto. Já vinha planejando há anos, mas não queria cometer nenhum erro, então o fez quando se sentiu grande o suficiente para isso. Era uma quarta-feira à noite e seu padrasto estava batendo o ponto em algum bar de quinta categoria. A faca que Santino segurava havia sido a primeira coisa que comprara com o dinheiro que recebia como engraxate.

Esperou o homem em uma rua escura no caminho de volta. Seu padrasto, como um bom alcoólatra, era um homem de rotinas, havendo seguido seus passos por dias antes de resolver de fato fazê-lo, conhecia a rotina dele melhor que ele próprio. Estudou o melhor local e lá esperou, ensaiando o ato por várias noites antes de realmente fazê-lo. Viu as luzes das casas próximas se apagarem e aguardou no escuro até que seu padrasto terminasse de gastar o dinheiro da casa com bebidas, decidindo que era hora de voltar. Seguiu cambaleante pela pequena rua deserta: bêbados são como animais, a fim de se orientarem, seguem o mesmo caminho, naturalmente.

Esperou até que o homem passasse por ele e, silencioso como um gato de rua, enfiou a faca na parte lateral do abdome, já que ainda não tinha tamanho para arriscar atingir o pescoço. Aquele homem grande desabou ao chão e, após alguns segundos de atingir o piso, virou-se lentamente — mais pelo excesso de bebidas do que pela dor — sem ainda entender o que estava acontecendo. Era a oportunidade que Santino esperava: pisou em seu braço e enfiou a faca no seu coração, exatamente como aquele mesmo homem lhe havia ensinado a fazer com os porcos. Santino aguardou, fascinado, o brilho, iluminado pela noite estrelada, desaparecer dos seus olhos, limpando a faca na roupa do falecido, lembrando de pegar sua carteira praticamente vazia para criar uma fantasia de assalto, e saiu tranquilamente, sem remorso pelo que tinha feito,

O Presidente Morreu

porém incomodado com a sujeira que o sangue fizera.

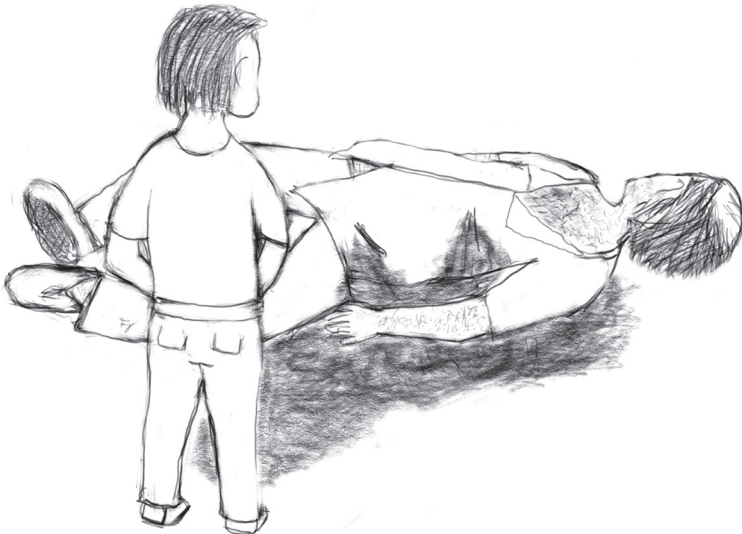
Em casa, encontrou sua mãe esperando por mais uma noite habitual de sofrimento. Quando o viu, foi em sua direção supondo que estava ferido devido ao sangue em suas roupas, mas Santino, sem emoção na voz, simplesmente disse:

— Este sangue não é meu. – Sua mãe entendeu imediatamente o que havia ocorrido e se retirou a dormir, tranquila por saber que esta noite não iria apanhar. Como ele esperava, o caso foi interpretado como um assalto, nem chegando a ser muito investigado.

Santino virou-se para o capanga tingido de sangue e, sem muito alarde, ordenou:

— Limpe esta bagunça.

Não gostava de desordem.



Jeremias

JEREMIAS dirigia seu Cadillac em silêncio, enquanto Alberto anotava algumas coisas em sua agenda, no banco de trás. Normalmente, Jeremias gostava de conversar enquanto dirigia, mas estava triste demais para isso. Nem dirigir o carro, o seu bem mais precioso, serviu para lhe esquentar o coração. Não era uma pessoa de acumular bens. Além do carro, tinha apenas uma casa pequena. Não que não pudesse comprar uma casa maior, mas não precisava de uma, pois vivia só e para ele uma casa não era mais que um lugar para dormir: sozinho ou acompanhado. O carro, sim, era o tesouro de que sempre cuidava, procurando lavá-lo todos os fins de semana. Levava-o também frequentemente a um mecânico de confiança e agora até resolveu reformar a garagem, para dar maior conforto e segurança para seu automóvel.

O rádio estava sintonizado em uma estação que Alberto gostava de ouvir, onde normalmente tocava músicas tranquilas e instrumentais. Não era o tipo da música preferida de Jeremias, gostava de coisas mais alegres, cantadas e que se podia dançar. Aquelas que agora ouvia, além de piorar sua tristeza, estavam lhe dando sono, e neste momento precisava brigar contra os olhos, que insistiam em fechar.

Quando, em meio à sua luta, seus cansados e rebeldes olhos localizaram a rua indicada, seu coração sentiu um alívio súbito, que beirou até a alegria, apesar da tristeza que carregava. Começou a procurar o número que lhe fora dado com uma nova onda de adrenalina, o que o ajudou a espantar o sono. A rua estava vazia,

O Presidente Morreu

localizava-se em um destes bairros tranquilos do subúrbio, com casas grandes, do tipo daquelas para onde as pessoas se mudam quando têm filhos, querem fazer churrascos e convidar todos os vizinhos. Seus olhos cansados tiveram dificuldade para enxergar os números, não querendo manter o foco necessário para tal tarefa, no entanto quando seu cérebro reconheceu o formato de um número, e suas mãos esfregaram seus olhos para motivá-los a trabalhar, encontrou o que era procurado. Estacionou atrás de um carro grande e preto parado na frente da casa.

Era uma casa velha, bem grande e estava toda pintada com um ousado azul celeste. Tinha dois andares, uma grande garagem e uma longa entrada de avermelhados tijolos que cruzava um gramado verde onde havia uma placa de madeira marrom, que Jeremias não se deu ao trabalho de ler, a fim de não incomodar mais seus olhos. Perto da porta havia um jardim com várias flores brancas, tudo muito bem cuidado e talvez até bem cuidado demais. Todas as janelas estavam cobertas por uma cortina branca e a porta, também branca, estava fechada. Era o tipo de casa que causava medo nas crianças do bairro, não por ser feia e lembrá-las de seus pesadelos, mas por ser organizada demais, evocando talvez a casa de uma tia muito chata e exigente, que lhes oferecia doces amargos e bastante verdura. Era o tipo de casa que se devia esperar de uma agência funerária.

Jeremias tentou avisar que haviam chegado, mas antes de fazê-lo, o chefe já tinha saído pela porta de trás do carro. Para não ser deixado para trás, porém com reflexos entorpecidos pela longa noite, preparou-se para descer, mas ouviu a voz de Alberto:

— Me espere aqui.

Jeremias não se importou em esperar, pois não queria entrar naquela casa assustadora.

O chefe caminhou com seus passos importantes pela longa entrada de avermelhados tijolos até a porta branca da casa, para

assim tocar a campainha. Jeremias o acompanhou com o olhar até que entrou, desaparecendo para o interior da casa. Somente quando se sentiu só, girou o botão do rádio para procurar algo mais do seu agrado, deparando-se primeiro com uma rádio de notícias.

— Não! – Falou para si mesmo. – Notícias nesta hora e com esta dor de cabeça, nem pensar! – Sorriu levemente de seu comentário, mesmo não se sentindo com vontade disso, e continuou a girá-lo até que achou um tipo de rock.

— Não! Muito barulho.

Girou mais o botão e encontrou uma que tocava uma música latina qualquer, parando por um momento para escutar, pareceu-lhe agradável, mas após alguns segundos, a percussão e o trompete martelaram em sua cabeça, acabando por piorar sua dor. Voltou à procura, até que ouviu uma música conhecida e calma. Satisfeito, ajustou-se ao banco cantarolando baixinho.

— É tudo por ti, amor. – Sua voz era rouca e bastante desafinada.

Procurando ajeitar as costas, deitou um pouco o banco.

— Você é a única pra mim! – O seu ritmo estava um pouco mais lento que a música. O mundo lhe parecia mais lento, seus olhos estavam pesados.

— É tudo por... – As palavras ficaram ininteligíveis. Piscou mais uma vez pesadamente e dessa vez não os abriu novamente.

Foi acordado mais tarde por Alberto, que lhe dizia algo através da janela do carro. Por um instante achou que ele dizia: “É tudo por ti, amor”, mas não lhe fez sentido algum.

— Quê? – saiu-lhe um som monossilábico, mais ou menos reconhecível.

— Entre de ré com o carro na garagem – repetiu Alberto.

— De ré? Com o carro? – Jeremias ainda estava dormido, entre o mundo real e o dos sonhos. Não sabia quanto tempo dormira, possivelmente, só alguns minutos: com certeza não o suficiente.

O Presidente Morreu

— Sim, de ré, com o carro até a garagem. Lá, abra o porta-malas para retirar o corpo, um homem que te espera com uma maca te ajudará a tirá-lo e transportá-lo para dentro – Alberto dizia agora o mais claro que podia, para não criar mais dúvidas.

— Sim, senhor – concordou, ainda lento.

— E depois, espere até que ele termine o trabalho e te ajude a colocar o corpo novamente dentro do porta-malas – dizia ainda devagar para que ele entendesse. – Deve demorar um pouco, mas não saia daqui até que esteja resolvido, e quando tudo estiver terminado, me ligue que te direi para onde deverá levar o corpo.

— E o senhor?

— Santino já está aqui para me levar.

Só então notou o carro do Alberto, estacionado um pouco mais à frente, com Santino sentado no banco dianteiro. A visão do chofer lhe causou um mal-estar que se somou a todos os outros que já sentia: *não gostava dele*. Jeremias ligou o carro lentamente, ainda tentando espantar o sono, enquanto via Alberto entrar no carro e dizer algumas palavras para Santino. Manobrou o carro com cuidado, não queria que seu sono danificasse o carro, e entrou lentamente de ré na garagem, que agora estava aberta. Lá dentro viu um homem alto e pálido que o esperava ao lado de uma maca com rodas. Vestia pesadas luvas e um avental branco, parecido com os utilizados em cozinhas, mas muito mais grosso.

Parou o carro com cuidado para não acertar a maca, puxou o freio de mão, desceu e, contornando o carro, foi até o porta-malas para abri-lo. Lá dentro estava o corpo ainda coberto com o lençol. Com a ajuda do homem pálido, fez força para tirá-lo de lá, e neste momento viu que o corpo estava completamente duro e, por isso, porém não só por isso, muito pesado e difícil de retirar, sendo difícil achar uma posição adequada para tirá-lo. Com um pouco de força e orientado, apesar do silêncio do homem, que apenas lhe apontou onde deveria carregar, conseguiram pousá-lo na maca.

Como uma boa maca, o objeto acolheu o peso apenas com um leve ranger. Em seguida, o homem entrou corredor adentro, perdendo-se no misterioso mundo das casas funerárias.

Jeremias achou aquele homem calado demais e muito estranho, mas preferiu não dizer nada, não queria ferir os sentimentos de ninguém. Após se certificar de que o homem não voltaria para lhe dar novas ordens, entrou no carro e abaixou mais o banco. Ajeitou-se olhando a garagem, constatou que nem o sol iria lhe incomodar.

Sem cerimônias e agora com nenhuma vergonha, fechou os olhos e dormiu, roncando pesadamente.



Alberto

ALBERTO estava pensativo no banco de trás do carro, olhando distante através da janela, revendo os passos a dar. Sabia que a primeira coisa seria garantir o programa de hoje, desculpando a ausência do presidente, sendo assim, era para lá que se dirigiam agora. Tinha uma pilha de jornais de várias partes do mundo ao seu lado no banco. Gostava de se manter informado sobre o que acontecia no exterior, nunca lia os jornais locais, pois não lhe traziam notícias novas: era ele quem sempre, anteriormente, as revisava e as autorizava.

Alguns prédios que passavam por sua vista chamavam sua atenção e o tiravam momentaneamente do seu pensamento. Naquele momento, passaram pela estação central, o primeiro prédio que, muitos anos atrás, conheceu na cidade, e também onde começou a construir o seu próprio futuro. Um futuro que era mais adequado para alguém como ele, assim, a partir daquele momento toda sua vida foi criada pela sua imaginação e moldada pela sua inteligência, como matéria-prima para a construção de uma casa, e fortalecida pela sua capacidade de alterar a realidade, pois a mentira fluía-lhe facilmente pela boca, de forma tão segura como a verdade, que lhe serviu como um cimento para consolidar as estruturas.

Estava convencido de que a verdade era apenas um conceito relativo, porque sem testemunhas para lhe contradizer, e com a certeza de que com o tempo e a repetição qualquer mentira ficaria tão real como verdade, criou para si uma nova identidade, que se adaptava mais ao futuro que planejava para si.

O Presidente Morreu

Sua mãe preparou uma pequena mala para sua partida com algumas roupas que ganhara, mas não o acompanhou até a escola. A capital lhe dava medo. Além disso, não podia deixar o marido e o trabalho. O jovem Alberto rumava para um novo e desconhecido caminho que em nenhum momento temeu: sempre teve a certeza de que o futuro não poderia ser pior que seu presente, e com certeza só poderia ser melhor que seu passado. Determinado a ser o único responsável por sua vida, em uma parada do trem jogou a pequena mala no mato — ela não fazia parte do seu novo futuro. Chegou apenas com a roupa do corpo na grande e movimentada estação central da capital, lugar que, para ele, em nenhum momento lhe pareceu tão grande.

Seu futuro já lhe parecia maior que qualquer estação, mas tampouco poderia começar sem nada, sendo assim esperou assentado, com seus grandes olhos emoldurados pela face desnutrida, até que a oportunidade aparecesse. E assim que surgiu, a agarrou sem pensar duas vezes. Viu próximo uma senhora bem vestida e que apresentava o ar leviano e ingênuo de quem nascera em uma família abastada e que nunca perdera uma refeição na vida: um traço que somente o dinheiro conseguia marcar, sendo essas marcas tão reais e perceptivas para um bom observador como as deixadas pelo raquitismo nos ossos de Alberto, mas que ao contrário das marcas da pobreza, eram carregadas com um inconsciente orgulho.

A mulher, por um sorrir do destino, viajava só com dois filhos pequenos, um ainda de colo e o outro um pouco mais novo que ele, mas aproximadamente do mesmo tamanho do desnutrido Alberto. A pobre senhora rica tinha dificuldade em carregar as malas, pois viajava com muito mais do precisava, e apesar de viajar acompanhada de um empregado, ele já se mostrava sobrecarregado com duas malas particularmente grandes.

Alberto, muito educadamente, ofereceu-se para ajudar. Muito agradecida, a senhora até ofereceu algumas moedas para

o menino, que ele dispensou prontamente, entretanto após nova oferecida, aceitou de modo grato. Apanhou uma mala e também uma pequena mochila, ambas que pareciam pertencer ao jovem menino, já que ele as guardava com juvenil amor. A abastada senhora, muito mais preocupada com seus pertences, tratava de colocar mais duas malas sobre o empregado, que com um surdo e abafado gemido aguentava de forma quase sobre-humana. Foi muito fácil para Alberto desaparecer, pois era pequeno e ágil, a mala que carregava não estava muito pesada e a estação, naquele momento, estava muito cheia. Desapareceu então entre pessoas apressadas e famílias que se despediam dos seus entes queridos, sendo que sua ausência só foi notada quando já era tarde demais.

Santino parou na entrada do prédio de comunicações, na vaga de carros oficiais, desligou o carro e esperou. O prédio era grande e novo, com grandes janelas espelhadas, com uma arquitetura copiada dos edifícios de Nova Iorque, nem um pouco adaptados para o calor tropical do país. Há alguns anos transferiram todos os setores responsáveis pelas notícias para o mesmo edifício, de forma que fosse mais fácil controlar toda a informação. Existiam no país dois canais estatais de televisão e um controlado em conjunto com a igreja, que sempre fora uma boa aliada. Tinha também dois jornais, três revistas e algumas rádios, todos também controlados pelo governo e regidos com uma forte censura. Existiam, ademais, algumas rádios e jornais clandestinos, mas além de não serem muito importantes, eram frequentemente perseguidos e combatidos.

Alberto desceu do carro, tampando o agora forte sol com um dos jornais que levava no carro. Entrou no prédio, dirigindo-se para o andar onde ficavam os canais da televisão. Explicou-lhes que o general estava indisposto, problema não tão incomum para um domingo pós-festas e, por isto, não poderia fazer o programa ao vivo. Pediu para o produtor utilizar uma gravação de algumas semanas antes, na qual o presidente falava sobre a plantação recorde

O Presidente Morreu

de soja que o país teria este ano, discutindo com especialistas os diversos usos e a importância nutricional do cereal.

O programa não fora exibido porque alguns dias antes de ir ao ar houve um incêndio em um dos armazéns estatais, perdendo uma grande parte do estoque. Como a quantidade restante de soja talvez não fosse suficiente para uma adequada distribuição, decidiram cancelá-lo. Mas a gravação serviria: além de ser recente, sempre poderia se inventar alguma desculpa para a falta do produto nas lojas em um momento posterior.

Alberto voltou ao carro, ainda tinha muito trabalho naquele dia se quisesse manter o presidente “vivo”.

Jeremias

JEREMIAS fora arrancado do sono pelas batidas na janela. Estava sonhando e por isso achou que as batidas eram somente mais uma parte do seu estranho sonho. Sonhava com uma praia, onde havia macacos que tocavam tambores e golfinhos que tocavam trompete. As batidas entraram um pouco fora de ritmo nas batucadas do tambor, mas após algum tempo ficaram insistentes, atrapalhando os macacos que, irritados, pararam de tocar, exigindo uma explicação de Jeremias, por isso não teve outra opção, senão acordar.

Não tinha ideia de quanto tempo dormira, talvez horas, minutos, dias, ou simplesmente alguns segundos, estava desorientado. Para piorar seu estado, um homem estranho lhe olhava através da janela. Com um longo jaleco branco, velho e sujo, e sobre ele um grosso avental de açougueiro, o homem estranho parecia com o outro homem esquisito que há pouco vira, porém era diferente: estava bastante sujo com uma substância gosmenta e avermelhada. Tinha o cabelo já grisalho, meio desarrumado e disforme, e uma barba rala, como se por dias seguidos tivesse se esquecido de fazê-la pela manhã. Parecia uma pessoa que não gostava de lidar com outras pessoas, ou, pelo menos, não pessoas vivas. O homem lhe pareceu familiar, mas não o suficiente. Para lhe entender melhor, Jeremias abriu lentamente a janela e escutou:

— Abra o porta-malas para colocarmos o corpo – disse o homem.

Jeremias se ajeitou no carro, suas costas doíam por causa da posição em que dormira. Esfregava os olhos tentando estimular

O Presidente Morreu

sua memória e lembrar de que corpo o homem falava. Aos poucos, a lembrança voltou à sua mente: o presidente estava morto. Seu presidente, seu amigo, e como da primeira vez, a lembrança lhe causou tristeza que percorreu o corpo e parou em seu peito. Isso foi suficiente para acordá-lo de verdade.

Abriu a porta do carro e, com um pouco de dificuldade, saiu do veículo e viu a maca coberta por um lençol branco. O lençol fazia uma forma engraçada, aumentando consideravelmente no meio e afinando nas pontas — evocou-lhe uma cobra que comera uma melancia. Após analisar a maca por mais alguns segundos, caminhou em sua direção. Em cada lado dela se encontrava um homem, e eles se pareciam irmãos, sendo que o mudo que conhecera antes tinha um pouco mais de altura e os cabelos curtos bem raspados. Para aumentar as suas semelhanças, vestiam-se praticamente iguais, contudo apresentavam diferentes graus de sujeira. O baixo e mais sujo o esperava com uma expressão impaciente e, como viu que Jeremias os analisava, disse com uma voz um pouco mais aguda da que usara anteriormente:

— Anda logo! Este já me ocupou quase a manhã inteira. – E, alterando bruscamente a expressão facial, colocou a mão sobre o lençol e disse com uma voz suave, como se falasse para uma criança: – Calma, já, já vamos colocar você no carro e o moço bonzinho vai te levar para casa. – Fazendo uma pequena pausa, como se aguardasse uma resposta, continuou: – Não. Não precisa ter medo. Está escuro, mas é por pouco tempo. Logo, logo você vai sair daí.

Jeremias, que por um instante ficou envergonhado sem saber se o homem falava com ele, fez uma pequena pausa olhando para o mais alto, que mantinha uma expressão calma, como se estivesse acostumado a tudo isto. Achou tudo muito estranho, entretanto mais uma vez resolveu não dizer nada, para não machucar os sentimentos do homem. Um pouco receoso de que tivesse sido trocado o corpo por algum tipo de animal, talvez uma cobra grávida

de um elefante, caminhou incerto em direção a eles:

— Onde pego? – perguntou Jeremias, solícito.

O homem mais baixo, como se pego de surpresa, disse rapidamente:

— Não, pode deixar que nós o colocamos no porta-malas. Temos mais experiência.

Jeremias, com uma mistura de alívio e constrangimento, abriu o porta-malas e observou enquanto os dois colocavam o corpo, com muito cuidado, no interior do veículo. Teve a impressão de que o corpo estava mais leve e mais mole do que antes. Possivelmente era parte do tratamento que fizeram.

O homem mais baixo e mais estranho permaneceu por um tempo analisando o lençol e novamente o acariciou.

— Tchau, meu amigo – disse com uma voz doce e, virando, se encaminhou para dentro da casa.

Por um instante Jeremias teve a impressão de que o homem chorava. Ainda sem saber se deveria fechar o porta-malas, esperou um pouco, porém percebendo que ele não voltaria para conversar com o corpo, decidiu fechá-lo. Achou tudo aquilo muito estranho, por isso resolveu voltar para o carro e sair dali o mais rápido que pudesse. Apesar disso, antes que pudesse adentrar-se no carro, o homem baixo voltou e, como uma mãe fazendo um alerta para o filho não esquecer o guarda-chuva, disse:

— Evite deixar o carro ao sol.

Jeremias entrou apressadamente no carro, ajustou o banco, ligou-o e aguardou que o homem alto, o qual ainda estava ali, abrisse a garagem. Lembrou que deveria ligar para Alberto, mas não queria arriscar-se dali. Estava perto da sua casa, talvez fosse melhor ligar de lá. Assim poderia tomar um banho e comer algo, talvez até descansar um pouco. Só então ligaria para ele. Decidido, arrancou o carro, enquanto olhava no retrovisor o homem alto acenando alegremente. Mais uma vez Jeremias achou aquilo muito

O Presidente Morreu

estranho, mas agora, sozinho no carro, sentindo-se seguro, disse em voz alta:

— Isso é muito estranho!

Abriu a janela e ligou o rádio bem alto para manter-se acordado. Precisava descansar um pouco, dormir no carro não é igual a dormir em uma cama.

— Se não descansasse iria acabar batendo o carro – falou para si mesmo, como que para justificar-se do par de horas que isso tomaria.

Já estava quase chegando e ao ver sua rua teve um momento de felicidade que iluminou seu sombrio coração. Parou o carro na porta da garagem, mas, antes de abrir o portão, lembrou-se de que estava reformando-a. Deu um leve suspiro e fez ré, parando em frente à sua casa. Pegou suas coisas e se preparou para sair, mas um aviso soou em sua cabeça: “Evite deixar o carro no sol”. Olhou para o sol e queimou sua vista. Com dificuldade para enxergar, procurou uma vaga em alguma sombra na rua, porém nela tinha poucas árvores e todas as sombras já estavam ocupadas. Deu um novo suspiro ao ver seu descanso cada vez mais distante, e sua pequena, mas iluminada felicidade, escureceu.

Resolveu dar uma volta no quarteirão para procurar um lugar mais fresco. Precisou dar duas voltas antes de achar um bom lugar, e quando o encontrou, desceu apressado, batendo a porta mais forte do que costumava fazer. Por um instante pensou em justificar-se com o presidente, dizendo que iria um momentinho em casa, contudo rapidamente recusou a ideia, não sem antes comentar para si mesmo ou para qualquer outra pessoa que o pudesse ouvir, sem medo de machucar nenhum sentimento.

— Oh, meu deus, estranheza se pega!

Carmen

CARMEN ligou a televisão e sentou-se, como costuma fazer aos domingos, e também em todos os outros dias da semana, na sua habitual cadeira de balanço, apoiando os pés, como normalmente fazia, em um pequeno banco que deixava à sua frente. Realizava isso devido às suas pernas que agora estavam bem inchadas. Nos últimos anos, suas pernas viviam inchadas, pois nelas tinha um sério problema na circulação das veias, e nas quais ficavam à mostra os grandes e tortuosos vasos de um azul forte. Costumava dizer que tinha sangue azul, já que sua família vinha da Europa: podia muito bem ser de família real, talvez até seja prima de décimo grau de algum rei ou rainha de lá. Falava com frequência isso desde nova, antes mesmo das grossas veias aparecerem em sua perna, mesmo sem ter nenhuma ideia de quem eram de verdade seus antepassados. Mas tinha a certeza que se eram da Europa, deveriam ser pessoas importantes.

Adorava ver na televisão e ler nas revistas notícias sobre a família real e seus grandes e elegantes casamentos, não obstante, gostava mesmo era das fofocas sobre eles. Em geral, davam assunto para muitas horas de conversa com as amigas.

Na verdade, vivia na frente da televisão, não se importando com o que estivesse passando. A televisão era a sua vida, já havia alguns anos que praticamente não saía de casa; as veias e a artrose lhe causavam muita dificuldade para andar. Saía praticamente para ir a velórios e consultas médicas, mas sempre com a ajuda de familiares.

Os anos já pesavam sobre seu corpo e atacavam seus ossos e

O Presidente Morreu

juntas e para piorar, agora com o inchaço suas pernas ficavam cada vez mais pesadas. Malditas eram as veias, só serviam para inchar, queria mesmo era não tê-las, a vida seria muito melhor sem essas malditas veias; e sem o açúcar no sangue: desse também estava mal; e da gordura. O seu médico vivia falando para fazer dieta, mas ele não sabia de nada: o seu pai vivera até os cem anos e comia todas as manhãs dois ovos com bacon, tudo feito na banha de porco, pois era assim que se fazia comida de verdade; nada dessas gorduras falsas de plantas e minerais.

Ela já ia pelos seus oitenta e cinco anos de muita vida e comida gordurosa, e estava muito bem; tirando as pernas, o açúcar e a pressão. Quem era o seu médico para dizer o que deveria fazer ou deixar de fazer? Por isso decidiu que iria comer ovos no almoço naquele dia.

Como de costume, antes de se sentar ligou o ventilador para espantar o calor.

— Malditos eram os americanos e seu aquecimento global. Onde já se viu alguém querer esquentar o mundo?

Não conseguia entender porque querer fazer isso. Lembra-se dos seus tempos de infância, esses sim eram dias bons, e também muito mais frescos. Disso ela tinha certeza. Apostava que a culpa era da Coca-Cola, pois eles queriam esquentar o mundo para vender mais. Só podia ser isso! Mas com certeza uma Coca-Cola cairia bem agora! Quando seu neto acordasse, o pediria para lhe comprar uma.

Na televisão, um homem musculoso vendia um produto para emagrecer. Ele prometia que com apenas dez minutos por dia o comprador teria um corpo tão musculoso como o dele; e se ligasse agora, ainda ganharia um livro de dietas. “Era o livro usado por todas as celebridades”, afirmava o homem, e ensinava a dieta dos alimentos que começam com a letra u. Carmen pegou o telefone para ligar, mas antes de discar lembrou que sua filha a fizera prometer

não comprar mais qualquer produto pela televisão. *Melhor assim*, pensou; afinal, não conseguiria usar o produto de ginástica já que a artrose dos joelhos não permitiria. E como lhe doía a artrose! E também os olhos: tinha a pressão alta nos olhos.

Neste momento, começou na televisão a hora do presidente, um programa semanal em que ele aparecia. Carmen não gostava muito do presidente, pois lembrava que a vida antes dele era muito melhor, sempre tendo emprego para quem quisesse trabalhar: só os vagabundos ficavam desempregados. Quando era jovem, trabalhou em uma tabacaria, isso antes de conhecer seu marido, chegando até ser gerente, era muito boa no que fazia, mas agora faltavam empregos. Seu neto, por exemplo, já estava desempregado há tanto tempo que nem se lembrava de quanto. Coitado dele, um jovem tão educado e dedicado. O pobrezinho do Raul tinha de viver com a ajuda dela, mas por sorte ela tinha a pensão do finado marido — que Deus o tenha.

Todos os dias Raul passava o final da tarde e a noite procurando emprego. Onde já se viu um jovem procurar emprego durante a noite? No início, pareceu-lhe estranho, mas seu neto explicou que as fábricas sempre abriam à noite e estavam à procura de trabalhadores: “se quisesse arranjar um, tinha que ir”. Tudo era melhor antes. Lembrava que até as ruas eram mais tranquilas. Naquele tempo não se ouvia falar de roubos e o leiteiro deixava o leite na porta. Como sentia saudades dos velhos tempos. Mas pelo menos o presidente conseguira manter os comunistas longe, nada era pior que os comunistas. Talvez só os ateus. Sim, pior que os comunistas só os ateus — entretanto, pensando bem, os comunistas são ateus, ou os ateus são comunistas...

... não se lembrava muito bem.



Pedro

PEDRO tomou um gole do café, sem conseguir conter a careta que isso lhe provocou; estava ralo demais, quase nem parecia um café, e sim uma água amarga e ruim, mas não podiam fazer nada diferente, pois era assim que durava mais. Já estavam acampados na montanha há alguns meses e não sabiam quando sairiam de lá. Algumas vezes enviavam alguém a comprar mantimentos, pedir, ou se fosse necessário até roubar. Tudo se justificava pelo bem da revolução. Contudo, no fundo nada disso lhes devia importar, porque tinham coisas muito mais importantes para se preocuparem do que um café ruim. Por exemplo, manterem-se vivos.

Bebeu mais um gole com dificuldade, acendendo também um cigarro, um escasso luxo. Os médicos diziam que fumar poderia matá-lo, mas era muito mais fácil morrer com uma bala na cabeça, isso se tivesse a sorte de uma morte rápida, quando ela chegasse, dado que alguns morriam por ferimentos que lhes rendiam dias de sofrimento. Tinha muito mais coisa para se preocupar do que com um câncer no pulmão.

Também, para ele, isso não passava de uma moda nova da medicina, há poucos anos diziam que fumar até fazia bem. Lembra-se dos pôsteres que via no médico que atendia sua família, quando era ainda criança, e também dos que apareciam nas revistas recomendando marcas como Camel ou Marlboro, provavelmente os médicos deviam estar ainda meio confusos sobre o tema. Mas se sobrevivesse, e se os médicos não mudassem novamente de opinião, prometera para si mesmo que pararia de fumar. O futuro!

O Presidente Morreu

Pensemos no futuro: esse era seu lema atual.

Distraiu-se, observando um dos soldados que estava em um círculo de outros cinco jovens, se assim pudesse chamá-los, pois eram ainda quase crianças; mesmo assim, já vivenciaram tantas coisas! Muitos deles já haviam perdido amigos ou famílias e, com certeza, todos já viram alguém morrer. Neste momento estavam concentrados ouvindo o que parecia ser uma piada. O soldado que falava gesticulava, os outros riam. Tudo lhe pareceu muito estranho, perguntando-se como ainda conseguiam sorrir e como a vida continuava, apesar de tudo que lhes fora tirado. Pedro se perdeu um pouco na filosofia de tudo isso.

Na noite anterior, foram obrigados a baterem-se em retirada de um ataque a uma instalação do governo, e perderam alguns homens. Ainda tentavam entender o que acontecera, tinham tudo planejado, mas algo saíra errado e acabaram surpreendidos pelo exército. Talvez alguém tivesse soprado a informação em troca de alguns trocados, ou até de outra mordomia qualquer: sempre existiriam traidores, isso era uma certeza, eles mesmos tinham vários no governo, assim era a guerra. Quase um jogo entre as duas partes; apenas um sanguinário jogo entre pessoas, algumas vezes bem distantes da linha de frente, e muitos dos que morriam eram apenas garotos que nunca chegavam a entender o porquê. Ou pode ser também que o que acontecera na noite anterior fora simplesmente o azar. A verdade é que nunca saberiam.

O movimento revolucionário cresceu muito nos últimos anos. Muitos estavam insatisfeitos, principalmente os mais jovens. Faz parte da vida, principalmente quando mais novos, rebelar-se, ainda mais em um governo totalitarista. Por isso vinha sendo mais fácil reunir soldados jovens e, também por isso, estavam cheios deles.

Pedro se sentia cansado, nem podia acreditar que faria cinco anos desde que resolvera pegar nas armas e lutar contra a ditadura. É claro que o movimento já existia anos antes disso. Tudo

começou na universidade onde Pedro era professor de Filosofia. O melhor lugar para começar revoluções sempre foi nas universidades: além dos jovens serem influenciáveis, eram também ansiosos por novas experiências. Tudo isso parecia ter ocorrido há muito tempo, talvez até com outra pessoa ou em outra vida. Ainda se lembrava do começo, da época antes da luta armada. Lembrava-se de alguns discursos feitos, dos encontros secretos, dos companheiros extraditados e também do dia, muito tempo antes, em que começou a ser perseguido pela polícia e que, ingenuamente e em tom de brincadeira, comemorou com os colegas como ele estava ficando famoso. Entretanto o movimento escalou muito rápido de protestos pacíficos para a luta armada, com certeza foi em resposta a uma represália feita pelo governo: violência sempre gera mais violência. Agora estão em plena guerra civil, a cada dia ganham mais territórios e aliados. E ele, que sempre fora pacifista, era agora um dos líderes da revolução.

Pedro largou a caneca de café, pensando que preferia levar um tiro que beber mais um gole daquela água amarga, torcendo para que o fim da guerra estivesse próximo.



Raul

RAUL, quando acordou naquele domingo pela manhã, o sol já estava forte no céu e toda sua intensidade passava pela janela, atravessando as espessas cortinas, formando dentro do quarto uma pequena estufa. Apesar de ainda ter bastante sono, o calor e também a ressaca não lhe deixaram dormir mais. Sua cabeça doía, sua boca estava áspera, e as memórias da noite anterior vinham em pequenos flashes em sua latejante cabeça, mas grande parte da noite fora consumida e apagada pelo álcool e drogas.

Levantou-se da cama decidido que o melhor seria procurar algo para beber, para rebater a ressaca. Na noite anterior saíra com os amigos e acabou em um pequeno cassino clandestino, onde perdera toda sua grana na mesa de pôquer e precisou pegar dinheiro emprestado para continuar jogando. Não era a primeira vez que perdera jogando e ultimamente estava ficando até comum. Decidiu que, ou aprenderia a jogar, ou teria de parar. Pelo menos a noite foi divertida e isso era o que importava, contudo agora precisaria fazer algo para ganhar um pouco de dinheiro, tinha que pagar o que devia e, além disso, queria ainda sair hoje; o dinheiro da sua tia-avó não seria suficiente, mas pelo menos serviria para comprar uma cerveja e assim molhar a boca e aliviar um pouco a ressaca.

Saiu do seu quarto por dentro da casa e foi até o quarto da sua avó, onde encontrou a bolsa dependurada no lugar habitual. Abriu-a e pegou as notas que encontrou lá dentro, com cuidado de deixar uma para que a velha não desconfiasse. Foi até a sala e a encontrou, como de costume, sentada na frente da televisão.

O Presidente Morreu

— Oi vó, tudo bem com a senhora? – Deu um beijo em seu rosto. – Vou sair.

— Oi, Raul, que bom que você acordou. Aonde você vai? – Carmen não deu tempo para o neto responder e continuou: – Coma alguma coisa antes de você ir. Toma um café. Tem pão em cima da mesa. Se quiser, eu preparo para você. Você precisa comer algo, está tão magrinho. Me preocupa!

— Vou procurar um emprego – Raul interrompeu, porque sabia que se a deixasse, não pararia de falar. Continuou, antes que ela se recuperasse e voltasse a falar: – Um amigo me falou sobre uma vaga em um restaurante no centro. Quem sabe consigo algo. Sei que vai ser bem concorrido, já que falta emprego e muitos devem se candidatar, mas vou tentar. – Antes que ela pudesse falar algo, saiu apressado pela porta. Ela o irritava.

Carmen ainda tentou dizer-lhe algo e pedir-lhe a Coca Cola que há algumas horas ansiava, mas suas palavras se perderam no ar.

Teria que procurar algo que pudesse gerar muito dinheiro e rápido. Normalmente cometia pequenos roubos ou enganava algum turista com o câmbio, mas isso sempre dava pouca grana e não seria suficiente para pagar sua dívida. Além disso, com os roubos, precisava revender e isso dava muito trabalho, além de requerer muito tempo. Tinha começado com uns amigos mais velhos a roubar carros, mas ainda estava aprendendo, e fazê-lo sozinho poderia ser arriscado. Carro era fácil de vender, pois conhecia uma pessoa que tinha uma garagem de desmanches e com certeza dava um bom dinheiro. Decidiu que deixaria o destino decidir por si e por isso resolveu caminhar para ver se encontrava alguma oportunidade. Mesmo um turista com cara de bobo serviria. Na verdade, os turistas sempre tinham cara de bobo, então procuraria por um que parecesse mais perdido que os outros.

Andou alguns quarteirões e no caminho comprou a cerveja que lhe serviu para aliviar um pouco sua aflição e calor. Chegou a

ver um carro que o interessou, mas ao chegar perto notou que a janela da casa da frente estava aberta, com algumas pessoas conversando, por isso julgou arriscado. Perambulou mais um pouco, entrando em algumas ruas mais desertas — para carros isso sempre era uma boa. Ali encontrou um belo carro, um Cadillac novo, muito bem cuidado, que com certeza valeria mais que cinco mil pratas. Caminhou até perto do carro e, fingindo que iria urinar em uma árvore, observou. Não viu ninguém. Até lhe pareceu muito bom para ser verdade, então caminhou até o final do beco, passando ao lado do carro, aproveitando para observá-lo bem. Era um belo carro e estava perfeito, sem defeitos! Com certeza valeria muito mais que cinco mil.

Aproximou-se da porta e tentou abri-la, mas como era de se esperar, estava fechada. Deu a volta pelo carro e tentou a porta do passageiro, também estava fechada. Mais uma vez olhou para ver se vinha alguém, como não viu ninguém, pegou a maior pedra que encontrou e quebrou o vidro. Aguardou alguns segundos, sem respirar, bem atento a movimentos, mas não viu ninguém por perto. Estava com sorte e o destino realmente lhe sorria.

Abriu a porta onde quebrara o vidro e limpou os pedaços que caíram no banco. Em seguida, abriu a do motorista, entrou e puxou os fios da ignição. Com um pouco de dificuldade, e como o amigo havia lhe ensinado, conectou os fios, o que gerou um pequeno curto circuito, emitindo um baixo barulho ao ligar. Mas, quando ligou o carro, ligou também o rádio — o susto, além de lhe causar uma contusão na cabeça por batê-la no volante, o fez perder um pouco de urina.

Ainda tentando manter todas as suas funções orgânicas dentro do normal, respirou um pouco e mudou a estação, tocava umas músicas de velho que não lhe agradavam. Abriu o vidro do passageiro para esconder que estava quebrado e arrancou com o carro. Sabendo que seria muito arriscado dirigi-lo nessa hora,

O Presidente Morreu

ainda mais sem uma carteira de motorista, e como o desmanche que conhecia era longe, decidiu que seria melhor deixá-lo em algum lugar até anoitecer. Por sorte, tinha um amigo que morava perto que tinha uma grande garagem em sua casa; por mais um golpe do destino, estava só nela, por isso decidiu levá-lo até lá. Isso lhe custaria alguns trocados, pois precisaria dividir o dinheiro, mas era o mais seguro a fazer.

Então, colocou o braço para fora da janela, abaixou um pouco o banco e dirigiu até a casa do amigo, pensando consigo mesmo: *Hoje é meu dia de sorte!*

Jeremias

JEREMIAS acordou assustado, não era sua pretensão dormir. Olhou para os lados para assim tentar se localizar, mas a luz que invadia o quarto lhe cegou, deixando-o ainda mais confuso. Forçou seus olhos, um pouco por desnorreamento e muito por teimosia, apesar da dor que isso lhe causava. Obrigando-os a manterem-se abertos, reconheceu finalmente seu quarto. Depois que chegara em casa, mais cedo, preparou um café e tomou um banho para relaxar seus cansados músculos. Sabia que precisava dormir e mais do que isso, queria mesmo dormir, porém disse para si mesmo segundos antes de cair em um sono profundo, que iria somente fechar os olhos por um minuto, ou talvez dois, e que seria forte o suficiente para lutar contra o sono. Não foi.

Não sabia o quanto tinha dormido, por isso procurou um relógio, e ficou aliviado ao ver que passara somente um pouco do meio-dia. O acordar, desorientado e assustado, produziu adrenalina suficiente para lhe fazer levantar da cama. Quando essa passou, sentiu-se ainda bastante cansado, mas tinha ainda um longo dia e muita coisa para resolver; sabia bem que Alberto não era uma pessoa exatamente paciente.

Movia com certa dificuldade, ainda sentindo a noite mal dormida nos músculos e a tristeza pela perda do amigo ainda o assombrou o peito. Caminhou lentamente até o banheiro para lavar o rosto e aliviar-se para um novo dia. Sentindo-se então um pouco mais acordado, foi até a cozinha para mais um café, que agora estava frio, mas ainda funcionava bem para o que precisava — não

O Presidente Morreu

parecer sonolento ao telefone com Alberto. Levou o copo para a sala, um pouco para ajudá-lo a ter coragem, um pouco porque o café estava ruim demais para ser bebido, procurando assim adiar esse momento. Como bom funcionário que acreditava ser, pegou o telefone, ligou para o escritório do chefe e após algumas chamadas, foi atendido pela secretária:

— Escritório do senhor Machado, bom dia! Em que posso ajudar?

A voz da secretária era suave e doce, depositando no triste coração de Jeremias um pouco de esperança de felicidade.

— Oi, Beth, aqui é o Jeremias, posso falar com o Alberto? – disse agora com o ânimo renovado, que somente a voz dela poderia lhe causar.

— Oi, Jeremias, vou ver se ele pode te atender. – Ela era sempre muito educada, mas Jeremias queria acreditar que com ele era especial, e para o desalento de Jeremias, que queria conversar com ela por mais tempo, ouviu a voz de Alberto.

— Jeremias, por que a demora? – A voz não mostrava qualquer cerimônia, puxando Jeremias novamente para a realidade. O pouco de animação que a voz da Beth lhe dera, amenizando a aflição num dia que ainda estava na metade, fora bruscamente arrancada, ficando somente com a agora já tão companheira melancolia.

— Oh, chefe, o doutor demorou um pouco para resolver o problema. – Bebeu um gole do café para lhe dar energia e coragem. – Assim que sai de lá, passei em casa para trocar de roupa e tomar um banho – disse, ainda se recuperando da sua agonia e tentando soar o mais convincente possível, torcendo para que Alberto não notasse qualquer falha em sua voz que deixasse transparecer sua mentira.

Alberto demorou um pouco para responder, como se analisando o que lhe fora dito, procurando por lapsos em todas vogais e consoantes pronunciadas.

— Entendi. — Fez uma pausa, como se ainda analisasse o que lhe fora dito. — Leva então o pacote para a casa do presidente. Falei com o mordomo e ele dispensou todo o pessoal da casa por hoje. Ele não sabe muito, mas acredito que podemos confiar nele, pelo menos em parte. Leve o carro para lá e se encontre com o Santino. Vou ligar pra ele e falar pra te encontrar na casa. Mais tarde apareço por lá. — E após uma nova pausa, mas dessa vez para enfatizar o que iria dizer, atitude muito usada por ele, continuou: — E desta vez, sem atrasos.

— Sim, senhor.

Alberto desligou o telefone sem se despedir, deixando Jeremias com o repetitivo e monótono som de abandono que saía pelo aparelho. Ele não gostava muito do Alberto, mas agora ele era o seu chefe e sobre isso nada podia fazer. Gostava menos ainda do Santino. Na verdade tinha mais medo do Santino que realmente um desgostar, e com razão, o cara era um louco, e sobre isso, tampouco poderia fazer algo. A tristeza e a impotência se juntaram com o medo, apertando-lhe ainda mais o coração. Finalmente, colocou o receptor do telefone no gancho. Balançou a cabeça, espantando assim a imagem de Santino que aparecera claramente em sua cabeça. Tomou coragem, prendeu a respiração e bebeu o resto do café. Com uma careta, segurou-se firme para manter o café dentro de si. Estava praticamente intragável, mas mesmo assim o engoliu.

Terminou de se aprontar, passou seu perfume habitual e procurou pelas chaves do carro. Deveria deixá-las em um chaveiro na sala, mas nunca se acostumou a isso, e continuava a perdê-las pela casa. Quando as encontrou, em seu quarto dessa vez, caminhou em direção à garagem, assustando-se ao chegar, pois não viu o carro, e sim muita areia, pedras e madeiras. Após o pequeno espanto, recuperou-se, lembrou-se da reforma e que não o estacionara ali, e sim na rua. Respirou aliviado e saiu de casa, caminhando devagar, cantarolando uma canção que estava presa em sua cabeça,

tentando assim espantar a tristeza que atormentava seu peito.

Chegou à rua onde se lembrava de ter deixado o carro e não o encontrou. Pensou com cuidado, refez seus passos, tentando se lembrar de que se por acaso não o deixara em outra rua e estava confundindo. Olhou ao redor para se certificar, mas estava certo de que estacionara nessa rua, se lembrava das casas. Porém, de qualquer modo, para ter certeza, resolveu dar umas voltas para ver se o encontrava; afinal, mais cedo estava tão cansado que sua cabeça poderia estar confundindo as ruas e casas vizinhas.

Caminhou alguns quarteirões próximos dali, sentindo o suor escorrer pelo seu rosto, um pouco pelo calor e um pouco pela ansiedade, que se juntara agora à sua tristeza. Após algumas voltas, retornou à rua e agora não tinha dúvida de que aquela era realmente onde o deixara. Aproximou-se do local onde estava seguro de que deveria estar o carro e observou, curioso, o espaço vazio, onde algumas horas antes o estacionara. Notou ali alguns pedaços de vidro espalhados no asfalto. Seu coração lhe batia forte no peito, enquanto pegou um deles, como que para ter certeza de que era real e não um truque da sua confusa cabeça; uma pequena parte do seu carro — sentiu toda a realidade da situação e essa lhe abateu como um soco no estômago. Seu coração perdeu o ritmo por um momento, sentiu-se tonto, isso o obrigou a sentar-se na calçada, na vaga onde, instantes antes, estava seu adorado automóvel.

Pensativo, ainda olhava para os lados, como se, por um milagre, o carro pudesse aparecer em outra vaga ou simplesmente acordar de um terrível pesadelo; mas, por mais que procurasse e esperasse, ele continuava desaparecido e não acordava, assim, após vencido pelo tempo, seu cérebro resolveu aceitar o indubitável fato. De um modo desesperado, com a tristeza e o medo crescendo dentro de si, segurando a cabeça fortemente com as duas mãos, como se a segurasse para que não fosse também roubada, disse:

— Merda! Perdi o presidente!



Fim da primeira parte e com ela o fim da amostra grátis.

**Se você chegou até aqui imagino que esteja curioso e
queira seguir lendo.**

**Acesse o site, lá você encontra diferentes opções de
compra.**

<https://felipedecaux.wixsite.com/inicio>